CONTEMPORANEA

4

grande
revista
mensal

Contemporanea

ANO 1.º

Revista feita expressamente
••• para gente civilizada •••

JORNAL
1922

VOLUME 2.º

Revista feita expressamente
••• para civilizar gente •••

NÓS E A ESPANHA

Oiçam! — não é preciso aplicar muito o ouvido para ouvir — é voz corrente que estamos vendidos á Espanha. Vieram do Porto e de Coimbra amigos nossos pedindo para modificar esta atitude.

Que fomos ludribriados, nós, e um dos principais jornais de Portugal. Que embora sinceros, auxiliamos o jogo duma entidade anónima que pretende ganhar.

Mas venham factos, provas, argumentos; indicios quanto mais não seja! Se diante dum público defendemos desassombradamente uma situação, venham ante esse mesmo público dizer que errámos e porquê. E' necessário provar a sem-razão duma atitude, quando essa atitude é, como a nossa, demonstrada por intenções honradas e raciocinio claro.

Falem alto! Sejam sinceros! Brutalmente sinceros! Admiravelmente sinceros! E' necessario saber se esses que nos acusam, não serão iludidos por traficantes a quem a nossa atitude prejudica. E' necessario vêr se para lá da grande montanha de ganância estão azas negras á espera. Se a artilharia da Flandres gritou alto pelo valor duma raça, não sabia que preparava banquete para corvos!

Olhemos para nós com um pouco mais de brio e de amor proprio! Mãos que se fecham sobre punhos de espada não se podem abrir para colhêr uma esmola! Não precisamos mendigar! A silhueta da raça ainda se desenha nitida sobre as cinco partes do mundo! Se aos caixeiros do norte inspira cubiça, deve tambem ainda inspirar respeito.

Não percamos tempo a louvaminhar o passado. Basta que o conciliemos com as exigencias duma sociedade moderna, contraindo alianças que melhor convenham. Recorra-se á defeza e permuta de interesses, e fóra com esta atitude passiva ante o Império do Oiro! Olhos que se abriram para conquistar horizontes não se podem fechar ante o poderio de ninguem!

Mais inteligencia e mais sinceridade! Esfarrapem de vez o papão de Castela, porque a Espanha de hoje, se por um erro politico pensasse em invadir-nos, não pensava decerto em dominar-nos.

Corpos de gigantes projectam sombras de igual tamanho!

Senhores da politica:
— Aos seus logares!

O. M.

Rodin
Desenho

A Exposição

A Exposição Internacional do Rio de Janeiro, foi para Portugal o que não foi para qualquer outro paiz: motivo de honra e de situação dominante. Essa grande nação que é hoje o Brazil, apezar de sofrer certa influencia dos erros da má politica latina, abriu rasgadamente para a vida moderna janelas amplas que a tornaram admiravel como edificio de estado. Representando as descobertas portuguezas na America e a colonização consequente, origem da sua propria raça, o Brazil dispensando a Portugal uma consideração e carinho aparte, disse bem alto ao mundo o respeito pela sua tradição, conservada aqui, no ocidente da Europa. A representação de Portugal significava não puder faltar o pai na festa do seu filho maior.

Sobre a forma como esta representação se efectuou, é que ha muito

a dizer ainda, fóra do boato e da má fé politica. Os porquês duma sabotagem que já se deixa antever, dificultando a todo o transe a viagem do chefe do estado e porventura ainda o desaire no levantamento do pavilhão portuguez no Rio, precisa aclarar-se e quanto antes. Se alguns portuguezes lhe serviram de instrumento, deslumbrados, quem sabe, por algum punhado de libras, não foram decerto portuguezes, não foi decerto Portugal quem provocou o gesto criminoso. Gesto que enche de vergonha uma nação inteira! Que afoga no ridiculo um povo que tem direito ao respeito dos outros povos. Não, de Portugal não foi! Porque se o fosse ou estavam já levantadas as pedras para lapidar os culpados, ou os portuguezes não mereciam sequer a corda que lhes estrangulasse a independencia.

E' necessario aclarar isto. Coutinho e Cabral do lado de lá do Atlantico, depois de abrirem á sua patria um novo parenthesis na civilisação do mundo, não esperavam que essa patria se representasse por um tapume em vez dum pavilhão, e por uma jangada em vez dum navio.

Cabeças de herois não consentem gorras de guiseira!

A verdade senhores, é que a viagem do Presidente tinha um fim de politica externa a interesar os destinos da nação; fim, que sendo desapercebido do publico, era do conhecimento de qualquer grupo politico. Ora não é de crer que em algum deles se anichasse a vibora que mordeu na honra do paiz.

Inepcia e desleixo dos Transportes Maritimos do Estado? Está provado que não. A inepcia e desleixo desse estabelecimento limitou-se, — e já não foi pouco! — á administração e exploração dos navios, que funcionaram sempre regularmente nas suas viagens de Comercio.

Pois se o proprio carvão que meteram a bordo do Porto... era lixo! Vamos senhores, é necessario pôr isto a claro. Quem teria empenho em obstar a um estreitamento maior de relações com o Brasil, e quem sabe se como qualquer outra nação americana?

E' necessario acabar com esta situação de fidalgo arruinado com credor principal. Credor que fiscalisa a serventia das pratas, emquanto o fidalgo se distrae. Ha protecções que são mais ultragantes que dominios.

Echos

A proposito da retirada do Rio dos representantes estranjeiros, é bom que se registe o telegrama seguinte do correspondente do «Diario de Noticias», de bordo do vapor Porto:

«Hoje ás 8 horas da manhã cruzou com o Porto o couraçado «Maryland» no qual regressa ao seu pais o sr. Charles Hughes, secretario de Estado da America do Norte. O sr. Charles Hughes, dirigiu um radio ao sr. Dr. Antonio José d'Almeida enviando-lhe cordiais cumprimentos e felicitações. O «Maryland» salvou com 21 tiros e a guarnição formada no convés, soltou os «hurrahs» da ordenança.»

As vinhetas de Antonio Soares que temos publicado, foram-nos graciosamente cedidas pelo sr. Guy M. Rato, autor do livro de versos «Rusticos» a cuja ilustração as destinava. Agradecemos, publicando no presente numero um soneto da autoria do referido senhor.

Ainda bem que o «Diario de Noticias» na sua entrevista com o rei Afonso XIII chama agora a atenção do povo português para a conveniencia de melhores relações com a nação visinha. Esta necessaria afinidade que desde o nosso 1.º numero vimos marcando, veio interessar finalmente um dos principais orgãos do paiz. E' com o mais justificado júbilo que vemos uma tentativa nossa produzir.

Fala-se por ahi em consagrar de forma perduravel o nome de José Duro. Ora nós, sem querermos bulir na memoria do autor do «Fel», não podêmos deixar de nos lembrar primeiro, destes nomes: Cezario Verde e Antonio Nobre.

Cezario, que foi dentro da idade moderna da literatura portuguesa, o unico poeta-artista original na sensibilidade e na expressão.

Nobre, que foi na sua morbidez, o maior interprete da sentimentalidade da raça.

E José Duro, — vá de discutir se os seus versos tem ou não tem beleza! — nada de novo nos trouxe, nada que não estivesse dito antes dele.

José Maria Santos (Santonillo) é um jornalista português ha tempo já domiciliado em Espanha onde exerce a sua profissão e corresponde para a imprensa do paiz.

Agora vai dedicar-se á tradução de originais portugueses para os palcos de Espanha. Sabemos que o fáz desinteressadamente e sem aquele espirito de comercio que tanto dificulta, senão impossibilita, empresas semelhantes. Presta assim um relevante serviço ao seu paiz e aos seus compatriotas. Isto numa época em que a palavra patriotismo se acompanha de cifra, é caso para admirarmos o homem depois de saudar o jornalista.

No jornal do nosso ultimo numero, a proposito da cedencia do terreno anexo á Sociedade de Belas Artes, esqueceu-nos registar os esforços nesse sentido empregados pelo nosso amigo Amilcar de Barros Queiroz então secretario de Sua Ex.ª o Ministro do Interior.

Um reporter do Seculo chamado Salgueiro (Mario Salgueiro se não estamos em erro) escreve na edição da noite do dia 1.º deste mez uns trez mil reis de prosa, onde, a certa altura, destaca referencias ao Grupo do Tavares (somos nós, é claro) a proposito do consagrado Grupo do Leão.

Estivemos vai não vai para nos queixarmos á casa do atrevimento do referido empregado, quando o se-

Uma carta

Bien cher ami:

Si j'étais homme de lettres vous sentiriez avec quel enthousiasme j'applaudis à votre initiative de réunir en exposition à Lisbonne les œuvres de Vasquez Diaz.

Je ne connais ce grand Artiste de la conception que par des reproductions. Imaginez-vous le régal qui m'est promis à Lisbonne même de pouvoir contempler ses œuvres.

Non, vraiment, aurons nous ce bonheur cet hiver?

Je vous supplie pour l'Amour du Beau de ne pas en rester là et de continuer à donner quelque aliment à nos cervelles sevrées.

Le choix est parfait. Dans toute l'Espagne je ne vois pas d'artiste représentant dans ses diverses manifestations une manière plus personnelle et plus caracteristiquement Espagnole.

Mes felicitations les plus affectueuses et disposez toujours de votre estimeé.

A. JOURDAIN

P. S. — Afin de rappeler l'effort belge, inclus les quelques lignes promises.

A. J.

---

cretário cá da redacção lembrando-se, tira da pasta de originais recusados um sonêto que este Mario Salgueiro assina e que aqui está desde o nosso 1.º numero... Como o não publicámos vinga-se agora dizendo mal de nós!...

☙

Vazquez Dias que foi a Espanha tratar da remessa dos seus quadros para organisar este inverno a sua exposição em Lisboa, pede-nos para agradecer á imprensa do paiz, as atenções que até hoje se dignou dispensar-lhe.

☙

Reproduzimos em «hors-texte» um quadro a oleo do distinto cavaleiro-tauromáquico Simão da Veiga, que se tem dedicado em Portugal e no estrangeiro á pintura de motivos ribatejanos, de preferencia a estrangeirismos falsamente concebidos.

☙

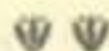
Em «hors-texte» reproduzimos no presente numero o belo cartaz de Almada Negreiros réclamando os chocolates portuguezes da «Fabrica Suissa».

Este cartaz é, em qualquer parte do mundo, uma afirmação de lucida publicidade moderna.

Felicitamos os directores da «Fabrica Suissa» pela sua inteligente e acertada escolha.

E bom seria que isto servisse de exemplo...

Chronica

O «Livro d'Oiro»

Aqui em segredo, d'oiro foi elle para os seus organisadores, visto que tudo, agora, é pago em oiro; para nós que acabamos de folhear — pasmados pelo crime — só representa mais uma violenta machadada nos nossos já combalidos creditos no estrangeiro.

Este «Livro d'Oiro» destinado pelo governo da Republica Portugueza á Exposição Internacional do Rio de Janeiro, é peor que um pessimo catalogo de qualquer agencia de anuncios pelintra: vê-se que foi feito á pressa, só para que alguns «patriotas» ganhassem, tambem á pressa — não vá isto acabar! — alguns milhares de escudos!

Mais um «grande negocio» — e mais um grande desastre!..

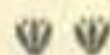
No «Livro d'Oiro» — nada se salva. E' tudo mau. Simplesmente assim — tudo máu. Má impressão; mau gosto; papel réles; capa cheia de uma pretenção que mete dó. Uma verdadeira miseria!..

☙ ☙

N'este «Livro d'Oiro» notámos a ausencia de alguns dos grande homem da nossa terra que foram substituidos por «ilustres desconhecidos» entre os quaes surge o poeta Paulino de Oliveira. A par de alguns vultos de valor, o «Livro d'Oiro» só ostenta referencias a inuteis e incompetentes. E n'isto tiveram os seus organisadores uma certa razão: — Incompetentes fizeram o livro para «uso proprio» que é, como quem diz: — Fizeram a festa e deitaram os foguetes.. Um dos organisadores dessa cataplasma typografica, por exemplo, realisou prodigios de auto-publicidade: vem de frente e de perfil, varias vezes, em multiplas côres, em desenhos e retratos diversos, uns parecidos, outros pouco... ou nada, e alguns até — com ares de familia...

Tambem a classificação de poeta, só de direito pertence ao sr. João de Barros! Guerra Junqueiro, Eugenio de Castro, Affonso Lopes Vieira e outros de provado valor, teem lá o nome por especial obsequio e — segundo a opinião dos homens do catalogo — já estão com muita sorte...

E o criterio do resto — é todo assim, de mistura com anuncios cheios de motivos estafados, alguns dos quais teem uma surpresa que dá um pulinho ao abrir-se o livro...

☙ ☙

E', pois, com 50.000 exemplares d'este emplásto vergonhoso que Portugal se vae apresentar aos olhos

de todo o Mundo civilisado, sómente porque uma minoria de imbecis e incompetentes assim o entendeu.

Porque não entregaram esse trabalho a pessoas idoneamente competentes?

Façam como os grandes politicos de todo o mundo: — Se não são Artistas pela Graça de Deus, finjam ao menos que o são, e tenham vergonha que já teem idade para isso...

E andaram Gago Coutinho e Sacadura Cabral a perder o seu tempo...

DE NEWCASTLE-ON-TYNE

Alvaro de Campos

ESCREVE Á "CONTEMPORANEA"

Meu querido José Pacheco:

Venho escrever-lhe para o felicitar pela sua *Contemporanea*, para lhe dizer que não tenho escripto nada, e para pôr alguns embargos ao artigo do Fernando Pessoa.

Quereria mandar-lhe tambem collaboração. Mas, como lhe disse, não escrevo. Fui em tempos poeta decadente; hoje creio que estou decadente, e já o não sou.

Isto de mim, que é quem mais proximo está de mim, apezar de tudo. De si e de sua revista, tenho saudades do nosso *Orpheu*. V. continúa subrepticiamente, e ainda bem. Estamos, afinal, todos no mesmo logar. Parece que variamos só com a oscillação de quem se equilibra. Repito-lhe que o felicito. Julgava difficil fazer tanto bem aos olhos em Portugal com uma coisa impressa Julgo bom que julgasse mal. Auguro á *Contemporanea* o futuro que lhe desejo.

Agora o artigo do Fernando. Com o intervallo entre a primeira palavra d'esta carta e a primeira palavra d'este paragrapho, já quasi me não lembra o que é que lhe queria dizer do artigo. Talvez pensasse em dizer exactamente o que vou escrever a seguir. Emfim, prometti, e digo o que sinto agora, e segundo os nervos d'este momento.

Continúa o Fernando Pessoa com aquella mania, que tantas vezes lhe censurei, de julgar que as coisas se provam. Nada se prova senão para ter a hypocrisia de não affirmar. O raciocinio é uma timidez — duas timidezes talvez, sendo a segunda a de ter vergonha de estar calado.

Ideal esthetico, meu querido José Pacheco, ideal esthetico! Onde foi essa phrase buscar sentido? E o que encontrou lá quando o descobriu? Não ha ideaes nem estheticas senão nas illusões que nós fazemos d'elles. O ideal é um mytho da acção, um estimulante como o opio ou a cocaina: serve para sermos outros, mas paga-se caro — com o nem sermos quem poderiamos ter sido.

Esthetica, José Pacheco? Não ha belleza, como não ha moral, como não ha formulas senão para definir compostos. Na tragedia physico-chimica o que se chama a Vida, essas coisas são como chammas — simples signaes de combustão.

A belleza começou por ser uma explicação que a sexualidade deu a si-propria de preferencias provavelmente de origem magnetica. Tudo é um jogo de forças, e na obra da arte não temos que procurar «belleza» ou coisa que possa andar no goso d'esse nome. Em toda a obra humana, ou não humana, procuramos só duas coisas, força e equilibrio de força — energia e harmonia, se V. quizer.

Perante qualquer obra de qualquer arte — desde a de guardar porcos á de construir symphonias — pergunto só: quanta força? quanta mais-força? quanta violencia de tendencia? quanta violencia reflexa de tendencia, violencia da tendencia sobre si-propria, força da força em não se desviar da sua direcção, que é um elemento da sua força?

O resto é o mytho das Danaides, ou outro qualquer mytho — porque todo o mytho é o das Danaides, e todo o pensamento (diga-o ao Fernando) enche eternamente um tonel eternamente vazio.

Li o livro do Botto e gosto d'elle. Gosto d'elle porque a arte do Botto é o contrario da minha. Se eu gostasse só da minha arte, nem da minha arte gostava, porque vario.

E, áparte gostar, porque gosto? E sempre mau perguntar, porque pode haver resposta. Mas pergunto — porque gosto? Ha força, ha equilibrio de força, nas *Canções*?

Louvo nas *Canções* a força que lhes encontro. Essa força não vejo que tenha que ver com ideaes nem com estheticas. Tem que ver com immoralidade. E' a immoralidade absoluta, despida de duvidas. Assim ha direcção absoluta — força portanto; e ha harmonia em não admittir condições a essa immoralidade. O Botto tende com uma energia tenaz para todo o immoral; e tem a harmonia de não tender para mais coisa alguma. Acho inutil metter os gregos no caso; grego se veria o Fernando com elles se elles lhes apparecessem a pedir-lhe contas do sarilho de estheticas em que os metteu. Os gregos eram lá esthetas! Os gregos existiram.

A arte do Botto é integralmente immoral. Não ha cellula nella que esteja decente. E isso é uma força porque é uma não-hypocrisia, uma não-complicação. Wilde tergiversava constantemente. Baudelaire formulou uma these moral da immoralidade; disse que o mau era bom por ser mau, e assim lhe chamou bom. O Botto é mais forte: dá á sua immoralidade razões puramente immoraes, porque lhe não dá nenhumas.

O Botto tem isto de forte e de firme: é que não dá desculpas. E eu acho, e deverei talvez sempre achar, que não dar desculpas é melhor que ter razão.

Não lhe digo mais. Se continuasse, contradizer-me-hia. Seria abominavel, porque talvez fôsse uma maneira (a inversa) de ser logico. Quem sabe?

Relembro saudosamente — aqui do Norte improficuo — os nossos tempos do *Orpheu*, a antiga camaradagem, tudo em Lisboa de que eu gostava, e tudo em Lisboa de que eu não gostava — tudo com a mesma saudade.

Saúdo-o em Distancia Constellada. Esta carta leva-lhe a minha affeição pela sua revista; não lhe leva a minha amisade por si porque V. já ha muito tempo ahi a tem.

Diga ao Fernando Pessoa que não tenha razão.

Um abraço do

camarada amigo

ALVARO DE CAMPOS

Newcastle-on-Tyne,
17 Outubro 1922

ALMADA
Reprodução do CARTAZ da
COMPANHIA COMERCIAL E

AS RELAÇÕES LUSO-HESPANHOLAS

O PAN-IBERISMO

ANDA copiosamente vertido na imprensa o problema das relações luso-hespanholas. E tenho visto ennuncia-lo quer sob o ponto de vista das vantagens que a Portugal adviriam do estreitamento dessas relações com a nação visinha e vice-versa, quer como base de um mais vasto entendimento internacional, uma especie de bloco federativo, moral e economico, das nações da lingua hispanica e portugueza.

Por este modo a questão desdobra-se e biparte-se espontaneamente em dois diversos aspectos, convindo olhar cada qual a uma luz propria e adequada. Trata-se não mais que de um tratado commercial, um simples entendimento, pratico e bilateralmente util, entre Hespanha e Portugal? Ou pretende-se, numa visão mais lata, lançar as bases de um vastissimo systhema de *entente* luso-hispano-americana, neste ultimo termo comprehendendo-se, está bem de ver, as republicas da America do Sul?

I

A mentira ibérica está desfeita. Ao contrario, em trabalhos de recente data, entre que é justo nomear a *Questão Iberica*, serie de notaveis conferencias promovidas em 1914 na *Liga Naval* pelos melhores valores do Integralismo Lusitano, refez-se com energia a afirmação solemne da individualidade de Portugal em face da individualidade de Castella. Depoimentos de não menor peso e não menos recentes, por banda de hespanhoes, a que se juntou a auctoridade oficial como a *Reseña geografica e estatistica de España*, consolidaram a doutrina separatista, scientificamente posta desde 75 por Elisée Réclus. O facto essencial, hoje commummente reconhecido, é a continentalidade bem caracteristica da Hespanha macissa e pezada contrapondo-se á insularidade de Portugal, esta engendrada pelo phenomeno phisico-moral do Oceanismo e consolidada pelo nosso sistema hydro-orografico que nos fixou fronteiras naturaes, completou a desintegração do territorio da Ibéria central, e deu-nos enfim uma configuração racial e politica tão autónoma como a tópica. *La partie vivante, active, du grand corps ibérique s'est élancée hors de la lourde masse de l'Espagne trop lente à la suivre dans son mouvement.* (*E. Réclus*).

A união iberica é assim um problema morto. O que fica? Fica a possibilidade de um arranjo economico entre as duas nações da Peninsula, ambas egualmente ciosas da sua independencia mas conscias, a um tempo, da commum necessidade de uma politica de entendimentos e aproximações, util a ambas as partes. O ponto está em se fixar quais devem de ser os limites, de um pacto luso-hispanico. Que extensão poderá abraçar um tratado de commercio entre as duas nações ibericas? eis a pregunta em que se resume um problema bem mais complexo do que ahí se imagina. Não pode o entendimento estribar-se no criterio da diferença convergente de modos de ser económicos pois que justamente a produção agricola é, nos dois paises ,similar. Não, muito menos, numa franca e livre união aduaneira que a semelhança dos productos pareceria ao primeiro lance de vista aconselhar, visto que Portugal, mercê de causas internas de ordem varia, e mormente depois da guerra, se encontra numa situação de grande inferioridade em face da Hespanha. As panellas do apólogo, lembremo-lo a tempo, não diferiam senão em que uma era de barro e de cobre a outra. Já em 1914, escrevia Pequito Rebelo (*Aspectos economicos*)... *é manifesta a incoveniencia para Portugal de uma união iberica, mesmo aduaneira, sob o ponto de vista agricola; a abolição das aduanas, estabelecendo a livre concorrencia entre industrias de diferentes taxas de salario, de capital e de renda da terra, arruinaria muitas mas principalmente em Portugal; e assim o vinho hespanhol arruinaria o nosso vinho, o seu azeite o nosso azeite, os seus cereais a nossa lavoura.*

Pôr assim o problema equivaleria de resto a resuscitar, sob o aspecto economico e financeiro, o condemnado iberismo ou mais claramente: a nossa absorção pacifica. Certo, antes da guerra, era ainda licito conjecturar que esta absorção, quando possivel, seria forçosamente longa, lenta e difficil, dado que a nação visinha não estava aparelhada para uma vasta acção de imperialismo financeiro. Mas ninguem ignora hoje que a guerra trouxe à Hespanha o fortalecimento prestigioso da sua moeda, a libertação total dos capitaes estrangeiros que lhe minavam e ruiam a economia e fazenda, emfim a valorisação prodigiosa das suas riquezas naturaes; e, em consequencia de tudo isto, uma ansia insoffrida, logica e legitima, de expansão alem fronteiras, a qual, tendo principiado desde logo a denunciar-se pela necessidade urgente de um estreitamento com as Republicas da Plata, se alarga e distende já ao Brasil, sendo prematuro conjecturar-se onde ella encontrará os seus justos limites.

Os homens de bôa fé e de bôa vontade não podem ter illusões a esse respeito: um entendimento commercial entre o nosso paiz e a Hespanha repugnar-lhes-ha quando o seu espirito seja outro que o do tratado de 1893. Quer dizer: a solidariedade economica luso-hispanica ha que ser forçosamente parcial, ou seja: mais ou menos limitada ás especialidades que esse tratado abrangia, e essencialmente contratual ou seja: exclusivamente destinada a proteger e harmonisar interesses bilaterais, numa reciprocidade amistosa de troca. Terá que levar-se ainda em linha de conta, segundo o pensamento de Anselmo Vieira, que já depois de 1893 outro campo surgiu no qual pode firmar-se e robustecer-se aquela solidariedade: o dos productos coloniaes, visto como, tendo com efeito a Hespanha perdido em 99 a quasi totalidade das suas colonias, facilmente poderia admitir como mercadorias francas os productos coloniaes de uma nação com a qual aspira a viver nos melhores termos. O ilustre secretario geral da Camara Oficial do Commercio de Madrid, D. José Maria Gonzalez, ainda recentemente expunha, numa entrevista concedida ao jornal «O Seculo», pontos de vista que não distanciavam dos presentemente formulados, não se esquecendo de indicar entre as nossas mercadorias que muito interessam ao seu paiz os nossos produtos coloniaes. Semelhantemente, na campa-

nha movida em Madrid nestes ultimos tempos pelo sr. Ruggeroni em prol de um tratado luso-hespanhol, o ponto de vista dos productos coloniaes era insistentemente vertido e agitado. Portanto a questão é conhecida de ambas as partes.

Ora, se num arranjo commercial, a troco de facilidades de entrada por nossa parte para a lã hespanhola, o gado suino e mesmo outros artigos como o gesso, a cal, pyrites de ferro, cobre, latão, aparelhos de telégrafo, maquinaria etc., o governo de Madrid estiver por seu lado resolvido a facilitar-nos a collocação do nosso gado exportavel, das nossas madeiras, aves, couros, pelles por curtir, peixe fresco, ovos, cera animal, etc., alem de considerar mercadorias francas os nossos produtos coloniaes, ter-se-ha feito quasi tudo—em materia de accordos commerciaes —entre os dois povos da Peninsula.

Mas, mesmo para isto, que é tão exiguo, quantas difficuldades se avolumam que é preciso vencer! Ha a magna questão da pesca, em que parece não querermos nunca entender-nos, sem que seja por culpa nossa. E ha, digamo-lo com toda a sinceridade, outra que tende infelizmente a acentuar-se mercê do recente accordo franco-hespanhol e da imprevidencia da nossa diplomacia: a da concorrencia fatal que, nos mercados francezes, começaram já directamente a mover-nos os productos hespanhoes.

E' força reconhecer, apezar e antes de tudo, que a Hespanha está consagrando-nos dia a dia as maximas provas de affecto, direi mesmo fraternaes. Ora, como é que estas correntes affectivas ficam na imprensa «para portuguez ver», mas não transbordam de vez para o campo commercial? Assim, como é que ainda se está por obter que o governo de Madrid expontaneamente retifique, com relação a Portugal, o restabelecimento dos coeficientes compensadores que haviam sido estatuidos por decreto de 3 de Junho de 1921 e applicaveis ás procedencias dos paizes de moeda depreciada, obrigando-os a uma sobretaxa aduaneira equivalente á differença entre o cambio effectivo e a paridade monetaria a 100? Certo, a Real Ordem de 29 de Maio ultimo, ao reeditar semelhante medida, declarava seu fim exclusivo defender as producções hespanholas do *dumping* extrangeiro. Do portuguez? seria ridiculo pensa-lo. Mas nenhuma excepção foi, em todo o caso, emmitida quanto a Portugal e, apezar de todas as declarações amistosas, a verdade é que o nosso paiz ficou então numa situação sensivelmente egual á da Alemanha e quasi á da Austria, o que é pouco menos de deprimente. Isto pode ver-se pelos calculos da propria *L'Espagne économique et financiére* (29 de Junho) de onde se infere que, logo em seguida á Real Ordem sobredita, a sobretaxa aduaneira de Junho foi para a França de 32, 32 %, para a Alemanha de 78 $^{1}/_{7}$ %, para a Austria de 79, 99 %, para Portugal de 72/64. Ora, se assim foi quando ainda a moeda portugueza não estava tão depreciada como hoje, e se relembrarmos que a medida em questão nem já tem aplicação á França (desde a assignatura da nova convenção commercial) facil é concluir em que situação de inferioridade, de excepção, de hostilidade mesmo, se encontram actualmente as nossas mercadorias exportadas para a nação vizinha.

Porque permanece um tal estado de coisas? Tratar-se-ha de uma represalia para, no momento proprio, se exigirem habilmente certas concessões dificeis em troca da sua annulação definitiva? Compete ao governo de Madrid provar que não.

Por outro lado, como deixei avizado, a recente convenção franco-hespanhola, e aqui sobretudo por culpa da nossa imprevidencia, vem e está já resultando em nossa perda. Segundo ella, alem das mercadorias hespanholas, como a fruta, os legumes e as sardinhas, terem obtido o beneficio da taxa minima em França, ficam tendo livre entrada os licorosos, beneficiando mesmo de uma reducção de 2,6 a 2,06 do coeficiente da majoração applicavel aos direitos aduaneiros. E uma tal

convenção firmava-se justamente quando a França estava ferindo de uma iníqua restricção de entrada os nossos vinhos, limitando-lhes a importação a 5000 hectolitros por anno e mesmo estes sujeitos ao flagello dos *permis* de tão triste memoria entre nós! E' bem possivel que, por estes tempos mais chegados, mau grado a boa vontade que tem manifestado segundo me informam o illustre ministro de França M. Bonin e apezar das boas intenções que seríam de deprehender das palavras de alguns homens publicos francezes, nenhum tratado se venha a negociar que melhore a situação dos nossos productos nos mercados de França. Taes são as difficuldades — para um simples tratado de commercio entre dois povos que veem de luctar fraternalmente contra o inimigo commum! (1)

Entretanto, a livre importação terá proporcionado aos licorosos hespanhoes a conquista exclusiva do mercado francez, contra o que estão protestando, feridos nos seus interesses os viticultores italianos, mas contra o que, nós outros, permanecemos de braços cruzados. O Xerez e o Malaga brevemente farão esquecer o Porto e o Madeira que estavam encontrando em França, sobretudo depois da guerra, excellente collocação.

O mais extranho é que é justamente nestas tristes condições internacionaes, que eu não afloro senão de leve, que parece haver um *mot d'ordre*, o de se conclamar *una voce* que estamos nas melhores relações com a Hespanha! Nas melhores relações sim, se isto significa que nenhum tratado commercial é entre nós necessario, se para isso basta que a Hespanha nos applique sobretaxas aduaneiras de paiz inimigo sem o mais leve arrufo da nossa parte, se ella pode concorrer triumphalmente contra os nossos productos sem nada fazermos para remediar uma tal situação e se, finalmente, podem os pescadores hespanhoes continuar a assistir sorridentes, ao desmazelo com que estamos fiscalisando as nossas costas e aguas permittindo aos seus barcos pescar quasi livremente nellas e que, pelo contrario, sejam os nossos violenta e atrabiliariamente arrestados quando se arriscam a ir pescar a 12 milhas das costas da nação vizinha, quando não nas nossas proprias aguas territoriaes!

O que está pois resaltando á vista, contra todas as illusorias declamações dos poderes publicos e da imprensa, é que a nossa situação internacional com relação á Hespanha precisa remodelada desde a raiz.

São manifestas as minhas sympathias por este paiz. Tenho-as de resto tornado publicas em todas as opportunidades. Mas, por isso mesmo, arrógo-me o direito de fallar como bom portuguez e de, sem desdoiro para essa nação, apontar á opinião publica alguns dos delicados problemas que emmergem das relações entre Portugal e Hespanha, e sem cuja solução, a beneficio das duas partes, de nada valerá a propaganda enthusiastica que vimos todos fazendo, de ha tempos a esta parte, pelo estreitamento dos laços de mútua sympathia entre os dois povos irmãos, pelo desenvolvimento do seu intercambio intellectual e, emfim, pela definitiva consolidação, entre elles, de uma boa e sã vizinhança.

Não! não são amigos de Hespanha mas simples pretendentes a condecorações os que lhe não fallam esta linguagem clara e nobre, fracos ou ignorantes os

---

(1) As difficuldades não desappareceram depois da prorogação por mais tres mezes do *modus vivendi* de 30 de Janeiro, nem creio que deixem de subsistir após as alterações que o governo portuguez venha a introduzir na lei da protecção da nossa marinha mercante, a qual, diga-se de passagem, não obstou a um augmento de entrada de navios extrangeiros no porto de Lisboa, como reconhece o Sr. Ministro de França. (Procés verbal de la séance du Conseil de la Chambre du Commérce française, 21 Avril 1922).

que preferem deixar no esquecimento os maximos problemas atraz ennunciados, cuja importancia resalta do que ahi fica dito, sem os pormenores que a indole desta Revista não me consente, mas com a clareza e sinceridade, que excluem todos os veos e subterfugios.

II

Outra face do problema é a comparticipação de Portugal e Hespanha numa vasta communidade de ideas e de interesses com as nações latinas da America. E eis o que se me afigura inviavel, senão chimerico, antes de um entendimento completo e previo entre Portugal e o Brazil: isto, dando de barato que tudo estava feito entre nós e a Hespanha, o que está muito longe de ser uma realidade, como acabamos de ver. Nem, para um tão vasto plano, bastam as boas palavras de certos dirigentes da opinião. Antes de tudo, e para pôr desde já a questão no campo das realidades, seria preciso que, logo de seguida á guerra, nenhum fio se tivesse deixado tresmalhar dessa complexa rêde, em vista a entretece-la com uma continuidade de que os nossos actuaes politicos são evidentemente incapazes. Ora, justamente aquillo que poderia representar a base de todo o futuro de Portugal, no ponto de vista do Brazil, disperdiçou-se e desacreditou-se com uma inconsciencia que toca as fronteiras da criminalidade nata. Sahiu Portugal da guerra dotado de uma importantissima frota mercante. O que havia a fazer era o que já se encontrava apontado e delineado nas propostas de lei de Teixeira de Souza e Schroeter: promover, sem perda de tempo, a constituição de uma poderosa companhia de navegação para o Brasil em concorrencia com as companhias extrangeiras congéneres, á qual o Estado prestaria todo o auxilio e proteção, indo até a subvenciona-la sem rebuço como teem feito a Inglaterra e a Alemanha. Não esqueçamos que a Suissa, neste momento, não desdenha subvencionar os seus hoteis que ella considera uma das fontes de riqueza do paiz.

Não se tem cançado de repetir Anselmo de Andrade que é mister fomentarmos o nosso desenvolvimento maritimo. Paiz dotado de condicções geograficas excepcionais, milagrosamente suspenso á borda do Atlantico que é a razão primaria da sua independencia, hoje o apeadeiro natural do Novo Mundo e possuidor ainda de um vasto imperio colonial, Portugal soffre humilhantemente que as suas mercadorias andem transportadas por pavilhões extrangeiros e que para cima de 40.000 dos seus nacionaes atravessem annualmente o Oceano a caminho das terras de Santa Cruz em navios extranhos, quando o seu pensamento constante deveria de consistir em nacionalisar a todo o transe os fretes, fazendo entrar nos seus cofres os rendimentos da navegação. E justamente quando uma ocasião unica se nos propicia por milagre, os governos deixam escapar criminosamente das nossas mãos aquillo que, de qualquer maneira, poderia vir a ser uma compensação para os pezados sacrificios sofridos com a guerra. Em vez de se aproveitarem os navios ex-alemães, como seria justo esperar, dentro de um vasto plano de protecção ás mercadorias portuguezas em concorrencia com as extrangeiras, evitando-se por outro lado essa formidavel drainagem de oiro que representam os fretes pagos aos pavilhões extrangeiros para os portos do Brazil; em vez de se procurar, com um tal trunfo nas mãos, proteger a exportação dos artigos portuguezes, artigos que de resto a Hespanha e a Italia produzem como nós e podem ser escambados com produtos brasileiros quando esses paises confiram a estes favores pautaes que Portugal não lhes pode offerecer sem detrimento dos produtos similares das suas colonias; não só se esbanjaram inutilmente mais de 80.000 contos numa administração vergonhosa mas — ai de nós — desacreditou-se por completo o pavilhão portuguez, de tanto

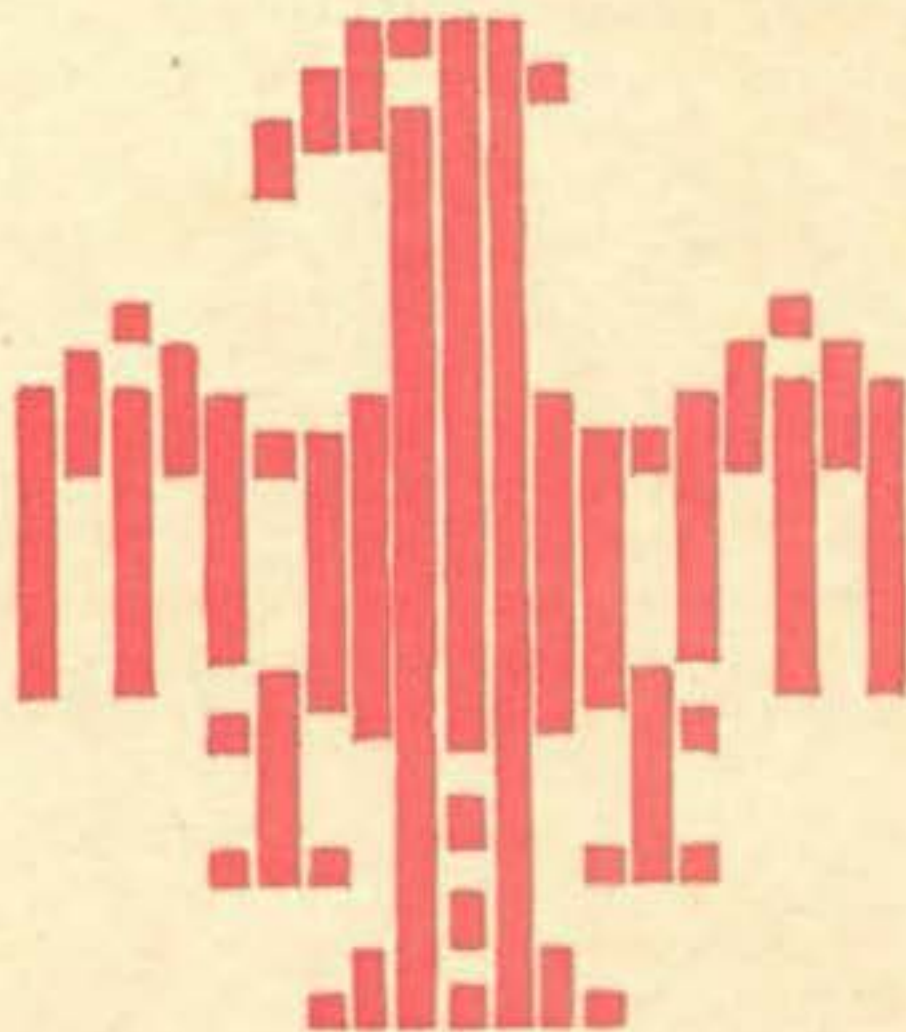
modo que será agora mister um trabalho de gigante para .. se voltar ao ponto de partida.

Ao heroico esforço das nossas antigas dynastias promovendo sabiamente o fomento naval de que resultaram as descobertas e a lucta mercantil sobre os mares em que Portugal levou Veneza de vencida, sendo hojé unanime a historia em constatar que á nossa actividade portentosa deveu a sua definitiva ruina essa formidavel Républica patricia que então dominava o mundo, (Charles Diehl, Venize) corresponderam os actuaes governantes como uma politica democratica de navegação cujos resultados estão ahi bem patentes.

Como é que, em face de um semelhante desastre que retumba no exterior como um dobre a finados, podemos agora aspirar a occupar um logar de honra èm qualquer conjunção de forças e de interesses que estejam destinados a vir a representar, no concerto das nações, a Hespanha engrandecida e as prosperrimas Republicas do Brasil e da Plata?

Pois é justamente neste momento, em que a nossa desordem no interior corre parelhas com o desprestigio no extrangeiro, que muitos ousam emprehender um movimento de opinião em vista a criar-se um novo circulo de influencias internacional, o bloco federativo das nações de lingua hispanico-portugueza!

Só as nações poderosas, aureoladas de prestigio, podem promover systhemas de allianças e criar circulos de influencia no conceito mundial. Poude-o a Inglaterra com relação á Europa e não creio que, para a proteção dos nossos interesses, tenhamos vantagens em deslocar-nos para a orbita politica de qualquer outra potencia europea. Pode-lo-ha porventura o Brazil com relação á America, quando chegar a sua hora. Más, não ande o carro adeante dos bois. Esperemos que, do outro lado do Atlantico, nos estendà a mão o Brasil. Até lá, muito temos que fazer: arrumemos primeiro a nossa casa que anda disso bem precisada.

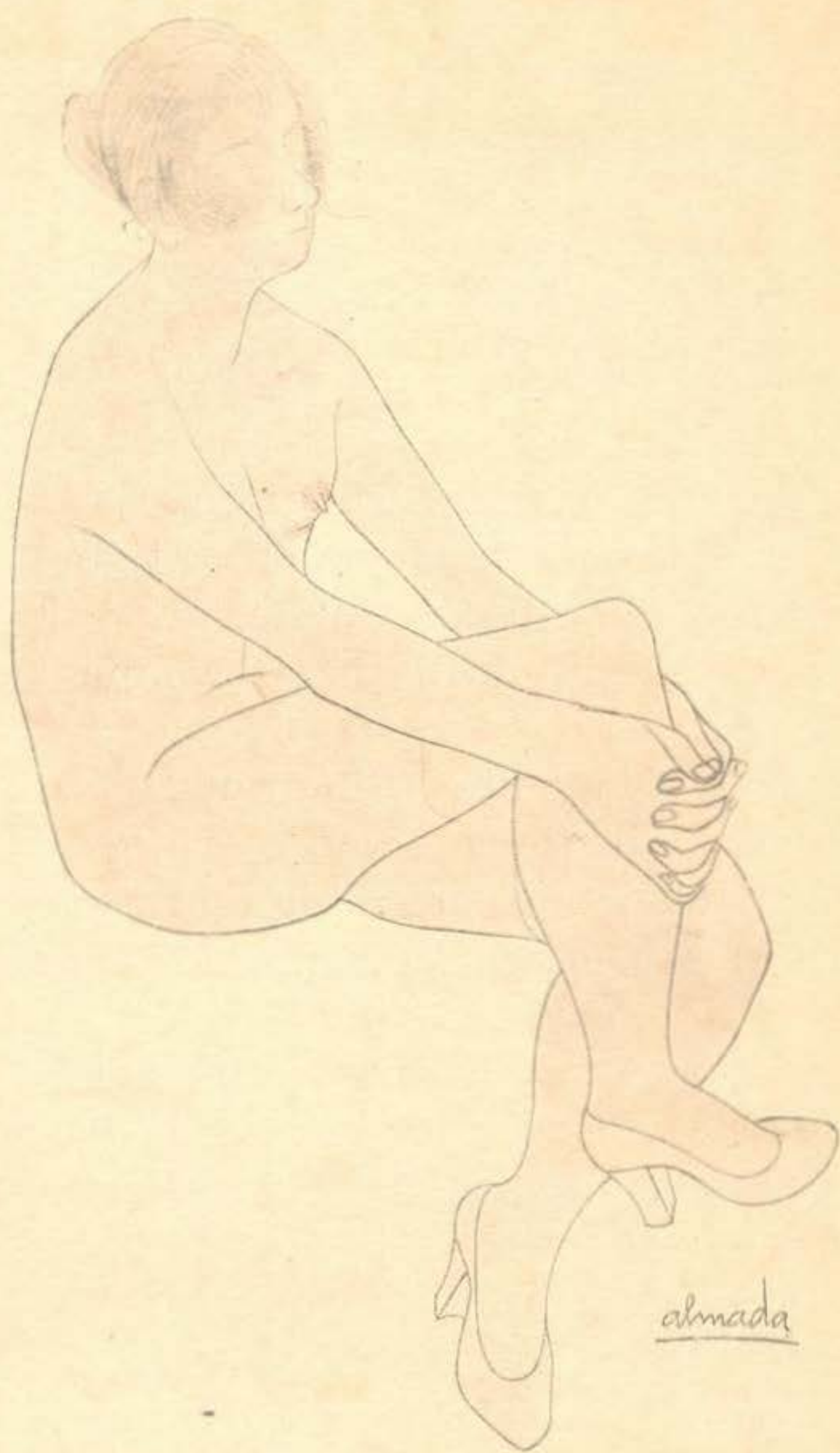
MARTINHO NOBRE DE MELLO
Antigo Ministro
Prof. de Sciencias Politicas da
Faculdade de Direito de Lisboa

QUESTA MENZOGNA

Piropos. Diamantes. Filagrana.
Preciosa talha d'um punhal antigo
Bordada pelos dèdos do Perigo
Numa virtude ideal, quasi profana.

Piropos. Diamantes. Filagrana.
Cabelo d'oiro loiro como o trigo,
E um labio fino, um labio quasi amigo,
Riscando o esgar fatal que nos engana.

Parábola ritual de Oiro e Sarcasmo.
Baile de vibora, em espiraes de Pasmo,
E os sons indianos d'uma flauta indiana.

— Preciosa talha dum Punhal antigo,
Cabelo d'oiro loiro como o trigo,
Piropos... Diamantes... Filagrana...

Guy M. Rato

ALMADA
"DESENHO"

MAR PORTUGUEZ

I

O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quiz que a terra fôsse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te portuguez.
Dô mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

II

HORIZONTE

O' mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos!
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas, e o mysterio,
Abria em flôr o Longe, e o Sul siderio
Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longinqua costa —
Quando a nau se approxima, ergue-se a encosta
Em arvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto abre-se a terra em sons e côres;
E no desembarcar ha aves, flôres,
Onde era só, de longe, a abstracta linha.

O sonho é ver as fórmas invisiveis
Da distancia imprecisa, e, com sensiveis
Movimentos da esp'rança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A arvore, a praia, a flôr, a ave, a fonte —
Os beijos merecidos da Verdade.

III

PADRÃO

O exforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para deante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão signala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita;
O por-fazer é só com Deus.

E ao immenso e possivel oceano
Ensinam estas quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é portuguez.

E a cruz ao alto diz que o que me ha na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

IV

O MORCEGO

O morcego que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar,
A' roda da nau voou trez vezes,
Voou trez vezes a chiar
E disse, «Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse tremendo,
«El-Rei Dom João Segundo!»

«De quem são as velas onde me róço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»
Disse o morcego, e rodou trez vezes
Trez vezes rodou immundo e grosso.
«Quem vem poder o que só eu posso,
Que móro onde nunca ninguem me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?»
E o homem do leme tremeu, e disse,
«El-Rei Dom João Segundo!»

Trez vezes do leme as mãos ergueu,
Trez vezes ao leme as reprendeu,
E ao monstro que volta disse trez vezes,
«Aqui ao leme sou mais que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu!
E mais que o morcego, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
D'El-Rei Dom João Segundo!»

V

EPITAPHIO DE BARTHOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: já ninguem o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu hombro.

VI

IRONIA

Faz um a casa onde outro poz a pedra.
O gallego Colón, de Pontevedra,
Seguiu-nos para onde nós não fomos.
Não vimos da nossa arvore esses pomos.

Um imperio ganhou para Castella,
Para si gloria merecida—aquella
De um grande longe aos mares conquistado.
Mas não ganhou o tel-o começado.

VII

OS DESCOBRIDORES DO OCCIDENTE

Com duas mãos, o Acto e o Destino,
Desvendámos. No mesmo gesto, ao ceu
Uma ergue o facho tremulo e divino,
E a outra afasta o véu.

Fôsse a hora propicia ou a força fria
A mão que o Oeste a estes entregou,
Foi alma a Sciencia e corpo a Ousadia
Da mão que consummou.

Fôsse Acaso, ou Vontade, ou Temporal
A mão que a estes o Occidente abriu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que conduziu.

VIII

DANÇA DOS TITANS

No valle clareia uma fogueira,
Uma dança sacode a terra inteira,
E sombras disformes e descompostas
Em clarões negros do valle vão
Subitamente pelas encostas
E vão perder-se na escuridão.

De quem é a dança que a noite aterra?
São os titans, os filhos da Terra,
Que dançam á morte do marinheiro
Que quiz cingir o materno vulto,
Ser circumnavegador primeiro,
Na praia ao longe por fim sepulto.

Dançam, nem sabem que a alma ousada
Do morto ainda commanda a armada,
Pulso sem corpo ao leme a guiar
As naus no resto do fim do espaço;
Que mesmo ausente soube cercar
A terra inteira com seu abraço!

Violou a terra. Mas elles não
O sabem, e dançam na escuridão;
E sombras disformes e descompostas,
Indo perder-se nos horizontes,
Galgam do valle pelas encostas
Dos mudos montes.

IX

ASCENÇÃO DE VASCO DA GAMA

Os deuses da tormenta e os gigantes da terra
Suspendem de repente o odio da sua guerra
E pasmam. Pelo valle onde se ascende aos céus
Surge um silencio, e vae, da nevoa ondeando os véus,
Primeiro um movimento e depois um assombro.
Ladeiam-o, ao durar, os medos, hombro a hombro,
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.
Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta
Cahe-lhe, e em extase vê, á luz de mil trovões,
O céu abrir o abysmo á alma do Argonauta.

X

MAR PORTUGUEZ

O' mar salgado, quanto do teu sal
São lagrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena!
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle é que espelhou o céu.

XI

A ULTIMA NAU

Levando a bordo el-rei Dom Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto, o pendão,
Do Imperio,
Foi-se a ultima nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ansia e de presago
Mysterio.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Volverá da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a fórma do futuro,
Mas sua luz projecta-o, sonho escuro
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minh'alma atlantica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou spaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que ha a hora,
Demora-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mysterio.
Surges ao sol em mim, e a nevoa finda,
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Imperio.

XII

PRECE

Senhor, a noite veiu e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silencio hostil,
O mar universal e a saudade.

Mas a chamma, que a vida em nós creou,
Se ainda ha vida ainda não é finda;
O frio morto em cinzas a occultou;
A mão do vento pode erguel-a ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ansia —
Com que a chamma do exforço se remóça,
E outra vez conquistemos a Distancia —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

FERNANDO PESSOA

VASQUEZ DIAZ
"MI MUJER"

LA SENSACIÓN DEL MOMENTO
EL ALMA ROMÁNTICA DE PORTVGAL
LA UNION IBÉRICA

« O seu rumo era a luz, seu piloto era Deus! »
GUERRA JUNQUEIRO

BAJO la luminosa floración que triunfa sobre el cóncavo mistério nocharniego, la magia tierna y melancólica de un **fado**, rompiendo con su armonia exquisita la serena armonía del siléncio, vibra en una estrecha calleja de Coimbra, la durmiente, que, cobijada por las sombras augustas de la **Rainha Santa** e Inés de Castro, tiene el doble prestígio y la doble liturgia de la Fé y del Amor, penetra hondo en el corazón y retrotráe la imaginación a los tiempos en que habian ilusiones porque luchar.

Nada mas gráfico, mas expresivo que el **fado**. El canto nacional portugués, que habla de **saudades** y anhelos no colmados, es el alma—alma triste—de Lusitánia; el alma vieja de este pueblo moriscamente fatalista y enamorado del Amor, de lenguaje rítmico y suave, de hermosos lirismos anacrónicos, de gestos hidalgos y atrevidos heroismos, donde palpita, escondido entre sus campos amenos y escarpadas costas, al rigor de la fulva clarinada de un sol africano, el último estertor del romanticismo ibérico, ese romanticismo que tantos dias de glória dió al mundo; ese romanticismo que, impulsado por el ideal excelso de la Cruz, fué con Colón, Pizarro y Cortés, Vasco da Gama, Magalhães y Cabral, al descubrimiento de nuevas tierras y rutas nuevas a través del abracadabra de lo ignoto, a realizar la magna epopeya de los siglos que hoy tiene el brillo apoteósico en nuestra vigorosa y progresiva América [1].

---

[1] Existe en Europa, — y España y Portugal no han podido sustraerse a su influência. — el vicio de costumbre de llamar América por antonomásia a uno de los pueblos anglosajones de allende el Atlántico. América es un continente en el que se asientan veinte y cuatro paises de personalidad politica perfectamente definida. Americanos somos todos los nacidos en América, como europeos son todos los nacidos en Europa. Si los ingleses, los franceses ó los alemanes tuvieran la absurda soberbia de diputarse únicos europeos, ¿que dirian los otros pueblos vecinos? Nosotros, los iberos-americanos, que jamás aceptaremos ningún tutelage, que para ello conquistamos con nuestra sangre la libertad, protestamos de esa injusticia, mas lamentable y dolorosa en España y Portugal, *pioneers* de la conquista, que finje un olvido del pretérito o una fria indiferência por los que rinden culto a su origen y conservan el idioma, usos y costumbres de sus progenitores. – E. de M.

Portugal no olvida que en el radioso pasado sus hombres e sus carabelas, llevando «por rumbo la luz, por piloto Dios», tejieron en las mallas del Coraje las sublimes lusiadas; em Portugal se sigue componiendo versos como aquellos de Garrett, Castilho y Herculano, que eran cálidos himnos al epicismo de una raza de gigantes argonautas; en Coimbra se ven todavia negras siluetas de estudiantes envueltos en ámplias capas que, com sus guitarras enlazadas, viven en la inconsutil Tradición; en las medioevales ruas de angustiosas encrucijadas que el merífico livor de la luna neva, se oye aún música evocadora, hecha de esos sollozos del alma que es la **saudade**; el Brazil recibe como ofrenda en el centenário de su liberación, tierras portuguesas dentro de un sarcófago en forma de corazón, pedazos del corazón de un pueblo que supo colorar con su sangre, noble y generosa, las páginas de la História.

El alma lusa, en la góndola de nácar y oro de su **fado**, cruza magestuosa sobre la plateada transparência del cielo...

■

A pesar de los estrechos vinculos forjados por la Naturaleza, España y Portugal, que parece se sonrien cariciosas, han permanecido vueltas de espaldas, en absoluto divorcio espiritual. España, encerrada en la torre de marfil de su soberbia ancestral, nunca quiso saber que junto a ella alienta un cuerpo hermano, y Portugal viendo siempre en el castellano el enemigo secular de su independência, echó por encima de la Peninsula un puente de unión con otras naciones de distintas características e sentimientos.

Pero estos dos pueblos que tan aparejadamente hicieron su gallarda galopada por los abruptos montes de la Aventura, pueden llegar a comprenderse y amarse, no formando una única entidad política, como algunos ilusos quieren, olvidados de que ambos han tenido, tienen y tendrán, proprios derroteros internacionales, sino en unión racial, sin ningún outro nexo; el mismo ideal flotante de comunión anímica de España con sus veinte y dos hijas americanas que en un futuro, no lejano tal vez, será una linda realidad azul.

Y así, con Portugal imperio colonial y Brazil, completa la gran família ibérica, podríanse realizar elevadas aspiraciones reivindicativas que duermen en un empolvado rincón del cerebro de la Raza...

Mont' Estoril y Septiembre de 1922.

Eduino de Mora
attaché à la Legation de Cuba

NO PROXIMO NUMERO:

Colaboração de

ALVARO DE CAMPOS, AQUILINO RIBEIRO, CARLOS BABO, CORRÊA DA COSTA, EDUARDO PIMENTA e MANUEL RIBEIRO

Do "Roteiro da terra-verde e da ventura,,

AO EDUARDO PIMENTA

— Adeus! . . . Sim: tè á volta. Adeus! . . .

E não ponho nas palavras brancas de apartamento que remesso para a «gare», uma sombra sequer de saudade — nada que avelude de ternura a dureza carnal da palavra.

Vibram nelas — como num grito — alegrias, egoismos pequeninos e ferozes.

A nota hostil, quasi metalica, da minha propria voz, fica — depois — a remorder-me no ouvido — longamente . . .

Mas, santo Deus! se eu não penso noutra coisa, não sinto outra coisa, que não sêja o meu desejo intenso, absorvente, exclusivista, de abalar!

E' que sou lá de cima, Amigo: — do Norte, dos campos, da Natureza. Nasci e criei-me estimado da bôa frescura do Valle. Por cima, a montanha que ascende comnosco para os infinitos livres do ar; em baixo, na sombra humida de arvores eternas, todo um solo fôfo de hervas, fazendo a cama á agua de trez rios — para, nela, enleadamente, descançarem e reverberarem (em seu sonho de humildes) os explendores altos do espaço... Como as arvores, tardiamente tresplantadas trágo terra apegada ás raises. . .

Se nas minhas arterias ha seivas que precisam de sol, de ar livre, carinhos de agua, para inundarem o coração e acelerarem a vida, na minha alma, faz-se cada vez maior a sêde de verdade e de paz, de silencio e de simplicidade, que esta cidadesinha perversa e futil, constantemente nega ao barbaro que no fundo de mim mesmo, e persistentemente, reincide.

No verão, porem, essa minha incompatibilidade, sempre dolorosa, vai até ao suplicio.

E ha trez mezes que o verão chegou! Tal qual o Dragão-Vermelho da lenda slava, ele alue, em cada dia, sobre os sete outeiros, o vôo coruscante das antenas, cada vez mais e mais enlabaredadas na fogagem crescente da canicula.

Ha tres mezes que ele, inutil e prevertido, esterilisa a esmo, por sobre as vastidões sáfaras do casario — brasido frio de telhados e pedregulhos de calçada — a sagrada facundia do seu sol. Quasi sarcastico, evoca aos meus sentidos despertos as reverdecidas graças da terra distante, acordando á flor da minha pele e nas funduras do meu ser, não sei bem que rebeliões surdas de desejo, sensualidades reconditas e insatisfeitas que me trazem doente...

Entraram comigo, devoradoras, as sêdes do espaço, da solidão, das distancias... Entrou comigo, devoradora, a saudade — uma saudade, que não é apenas, acredite-me! um caso sentimental — mas que me vem do sangue, pertence á minha fisiologia, como um movimento celular, vital, de regressão ás origens.

As raizes, Amigo, as raizes — no longe e na terra — a gritarem por mim . . .

Não! eu não penso noutra coisa, não sinto outra coisa, que não sêja a minha alegria de partir.

Para lá da «gare», por sobre a marquise, advinho que um novo dia de fôgo se começa a atiar nas coisas. Apesar da hora matutina, o sol empoça por praças e largos seus môstos de oiro fervente. Apoz a noite, em que o bafo fresco do Tejo mitigou por momentos a ardencia febril da cidade, o calôr reconcentrado no casario, veio á periferia das coisas, irradiando para as ruas bafêjos de fornálha.

O grande monstro de pedra e caliça, de vidro e de metal, e de carnes vivas, resfolga já lume por todos os póros.

Advinho-o para lá da «gare», inerte e laço, ofegando ao longo das sete-colinas as primeiras aflições da sua asfixia.

E como o comboio se mecha, rangendo ferragens, corro, salto, tomo o meu logar no pavor de que parta, deixando me aqui.

Sim, ao de cimo da mescla humana que coálha a gare, a mãosita enluvada de branco, insiste, esculpindo em gesto vivo a tristeza dos que ficam e de que fala a cantiga.

Bailam lagrimas nuns olhos grandes que ficam viuvos dos meus olhos.

— Adeus!... Sim: Até á volta! Adeus!

. . . .

O comboio largou e é tal, já, nos meus nervos a obseção da luz que alguns minutos de movimento na obscuridade subterrania do tunel, dão-me a ilusão da noite e da frescura. A sombra, só com o ser sombra, desoprime. Um frio benigno entra pelos olhos...

Num silvo da maquina, o comboio retorna á luz. O instantaneo coalho de treva, dissolve-se no sol largo. E a sensação crua da claridade, insiste, ulcerante.

Cerca das nove horas, a manhã enlabareda-se nas côres. O martirio das minhas pobres pupilas doentes persiste!

Ah! — mas na minha frente, ha já espaço — terra e ceu: — Distancia...

Nos timidos desafôgos do horisonte, rasgando-se ante os olhos, surgem tentativas de paisagem: pinceladas de verdura, quietações de alfombras, espessamentos de folhêdo, onde o sol não penetra e a vista se regosija, suspeitando espelhamentos de lagos quedos, mimos de agua, em gorgolejos de fontes e malabarismos canoros de repuchos...

O comboio corta aspectos oleograficos de arrabalde. De um lado e do outro, são hortos miudinhos e cuidados, pobres de côr na vegetação rasteirinha dos legumes; retiros de gente rica entre arvores de viveiro, aprumadas e de boas maneiras; entrelaçamentos artificiosos de remontantes, pelos gradeamentos dos jardins burguezes; — velhos parques ao abandono, folhudos e fôfos, como imensos cochins de veludo verde em que, esquecida, a poeira do seculo desoito adormeceu.

Não! — não é ainda a natureza — essa natureza das amplas telas barbaras, que os meus sentidos demandam! Para traz, perto, o casario, de telhados sangrentos, rebrilha ao sol, subindo da agua azul do rio para as encostas, como um crustaceo imenso que tateie a rocha com seus mil tentaculos. E' ainda a Cidade, embalada na ilusão de natureza, que criou á sua roda — mas a cidade ainda.

Entretanto, o ar circula já, vivo e activo. Os pulmões dilatam-se. O olhar ancioso de longes, começa a ter na sua frente, um grande ceu azul, para se estender, voar, perder. E o comboio marcha sempre, e cada vez mais, desabrido e sofrego, — um silvo contente no ar contente...

— Adeus! adeus, até á volta!...

. . . .

Pena é que, agora, corram ao encontro dos meus olhos, feias e atristantes como uma decepção, as descoradas terras da Extremadura.

Filas de piteiras, agressivas como adagas nuas, guardam á vista, hostilmente, a linha. Sob a pojeira mordente dos palhiços e das eiras, uma paisagem de descarinho. Colina pardacentas, rechupadas como seios gastos, fecham o âmbito na sua cercadura de semicirculo irregulares e duros. Moinhos de vento imobilisam no azul parado as grandes estrelas branca das suas velas. Figueiras do diabo, iriçadas de picos, canaviais, asinheiras engoiadas, olivedo de copa metalica, toda uma flora desgostosa de terras safaras, irrompe do solo — esfarrapa damente. Aqui e ali, vivendo de alguma cisterna seiva de aguas, um horto, onde o verdôr dos renovos rompe a amarelidão dos campos, como nodoas de verdete — num metal...

Nas terras, pulverisadas pela soalheira, acabou já a faina. Quasi tudo deserto de almas-vivas. Apenas, aquem e alem, bandos de saloios, montados em jumentos, passam pelas estradas, em volumosas ondas de poeira que lhes empalidecem a policromia violenta e barbara da indumentaria.

De vez em vez, para pousioda vista, e entre expansões melancolicas de flora exausta, um povoado.

São casas esguias, angulosas, janelas miudinhas, terrados ó alto, uma fisionomia

adusta e medieva de arquitetura moirisca. E á roda, em tudo o que nos cerca, qualquer coisa que agride, bate nos olhos... Os proprios casais pacificos, suspensos das colinas, teem o quer que seja de desconfiado e vigilante de fortalezas, nesta scenografia de sugestões sangrentas, em que a imaginação evoca algáras e fossados — sacudidos furores de guerra-santa...

E, (confesso), uma saudade passa. Por momentos, vejo dentro de mim, com uma ternura imprevista, a mãosita enluvada de branco, aquela figurinha viva de desejo, em cujos olhos humidos os amores da Cidade se vieram despedir de mim...

— Adeus! Adeus! Eu volto!

. . . .

A oitenta a hora. Na manhã alta e ampla a cinematografia da natureza vai-se desbastando com uma velocidade vertiginosa. Os aspectos modificam-se num imprevisto constante de pinturesco, que consola, amacia no olhar a sensação aspera dos descampados que vão ficando para traz.

Primeiro, a linha insinua-se nas planuras do litoral. Entro nos vastos senhorios da Agua suntuosa. E refrigero a vista num banho farto de superficies liquidas.

Por entre securas de areal, o Tejo coalha-se em grandes manchas vivas de prata.

Velas de barcos pôem na vasta quietude translucida do rio um vai-vem inquieto de azas.

Depois, as lezirias, gordas e uberes, quadriculadas a veios de agua vidrenta, turgidas de seiva, porejando verdôres perversos de pantanos, marneis e paúes, onde manadas de gado se apascentam e as carapuças vermelhas dos campinos sangram como flores de rododendro, enormes!

Reinos de Abundancia, dir-se-ha que a terra m'a vem ofertar, ao caminho, pejada de pomares, perfumosa de frutos maduros, em amplas courelas, lisas como bandejas, num amplo banquete...

E como o comboio roda sempre, comendo a distancia, a paisagem vai sendo outra.

A' preguiçosa ondulação das colinas, sucedem-se as curvas vivas dos outeiros, iniciam os montes a sua ascenção para os ceus...

O ritmo das linhas alarga-se. Avoluma-se em frases eloquentes a orquestração das côres. Os humos expandem por toda a parte, ao beijo de Luz, a sua alegria forte de criar.

E' o Norte, amigo, é o Norte!

— Terras do Sul, terras do meu desterro, adeus, até mais ver!

. . . .

Que arvoredo basto e omnipotente! Começa, pouco a pouco, a não haver um palmo do solo onde não germine uma semente, e uma raiz diligente não trabalhe! Largos, cerrados pinheirais, arvores de fruto, a esmo, cearas e vinhedos, milharais, mil variedades horticolas recobrem a superficie da terra, avergoada de vales.

Altas e emaranhadas vegetações vão vagalhoando de encosta a encosta um refluxo de verdes, tão amplo e fundo que nele se afoga a manhã e esmorece a luz...

No seio dos campos sente-se pulsar, a par com a vida das coisas, uma vida humana, abundante e laboriosa. A meio de tanta beleza, as creaturas, como as abelhas, fazem-se enxame. A todos os momentos, miudinhos como colmeias, vão surgindo povoados, com brancuras de ovos num conchego de ninhos.

E á beira da linha, bandos de gente que se debruça para o humos, erguem para o comboio que passa, cego, mudo, enorme, algazarras festivas, dichotes...

— Adeus, adeus!

E aqui começa de facto a terra de Portugal. Ora olhe-a na upa heroica das montanhas e nas depressões liricas do vale.

Apesar do sol ir alto, arder todo o ceu em rescaldos rubescentes de meio dia, vem dos campos, das arvores, das aguas que se vão topando, não sei que frescôr de mocidade e de idilio!

Penumbras de folhêdo basto quebram, por sobre as telas, em pinceladas de azul e cinza a crueza da luz.

Nos aspectos que se ofertam aos meus olhos, começo a sentir doçuras de favo — para saborear devagarinho.

E o comboio, como se entendesse, retarda a marcha. E' uma grande ponte, por sobre um rio claro.

Alem, em frente, alguma maravilha acontece! — que vai um alvoroço, um contentamento por tudo — desde o banquete subterranio das raizes, aos montes, que se debruçam na distancia, ás copas altas das arvores, fremendo, emocionadas...

O Mondego que passa, vestido de prata, como um principe!...

— Adeus! Adeus, terras do meu desterro!...

. . . .

E até que emfim!

A subitas, num cotovelo, surge da mancha verde-cinza do pinheiral uma estaçãosita clara. Bem a conheço! Bem a conheço! E' a da minha aldeia.

O comboio que parece ter parado amavelmente só por minha causa, retoma a marcha. Nem o olho. Como a Rusking, dá-me a impressão de que suja isto com o seu fumo.

Lá vai...

Na estação ensolada e sonarenta, quasi ninguem. Pintada de claro e de novo, arde no sol como um magusto de côres..., Uma glicinia enorme, franja de rendados verdes, o beiral da «marquise». Aos lados, recantos de jardim, onde canta uma bica de agua, vicejam feijoeiros altos, florejam ervilhas de cheiro...

O chefe tira-me o seu bonet agaloado. Uma rapariguita, vestida de paisagem na sua chita de ramagens, pega-me na mala. Nos seus grandes olhos timidos e contentes, veio toda a alma da Aldeia — a esperar-me.

Atravesso a estação. Espera-me logo um caminho rustico, entre comoros, arvores de fruto, altos rodeais de vinho.

Que fresca, divina sombra de asinhaga!

A' volta, tudo terras de regadio, fartura e descuido. A luz é um riso que se reflete e multiplica no brunido sadio das folhas, no fio tremulo e contente das ribeiras, na cara lavada das creaturas e dos casais.

Sinto-me em plena Georgica. Bandos de homens e mulheres lidam nos amânhos. Relusem enchadas, no talhadouro das regas, no mourejo das sachas. Andam canções no espaço, em tremulinas de som, desgarros altos de cantiga...

E figura-se-me que todo este concertante de vozes e de ruidos, me cerca de boasvindas!

Cheira a frutas maduras, a resinas, a hervas de horto, a seivas, a terra. E todos os sentidos a abrirem no meu corpo como flores num canteiro, ao orvalho!

Vou andando. As coisas beijam-me nos olhos. Dentro de mim nasce uma alegria nova, uma sensação plena e fresca de vida, como se a cada passo, ao contacto das coisas que confraternizaram comigo as distantes horas do desabrochar, me reencontre na pureza e na saude antigas...

— Amores da Cidade! Perverso incantamento dos meus sentidos, adeus! Que outros amores mais altos se levantam, noivando as reverdecidas graças desta terra moça!...

. . . .

Quasi horas de Trindades. Ao morrer, a luz emociona a paisagem, fala-lhe de Deus. E' neste momento religioso — nem outra coisa podia ser! — que avisto a Minha Casa. Alem entre as arvores densas, é um grande lenço-branco. Acena por mim...

Recolho-me.

Na paz santissima dos montes, armados em altar, anda já o crepusculo a preparar sua novena mistica. Tombam, ao longo da terra, e de joelhos, as primeiras sombras da noite.

E é com a vida tambem de joelhos dentro de mim, Amigos que mergulho na penumbra roxa das grandes arvores apostolicas, entro no meu mosteiro-verde, ganho 'a pedra do Lar antigo, — e me vejo, finalmente, nestes claustros do silencio e do socego e da simplicidade...

— Vida do artificio e da complicação! Do tumulto e da culpa... Adeus!

João Corrêa d'Oliveira

MAL SEM REMEDIO

POR

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Tu vais partir, eu sinto-me indiferente
E essa indiferença enche-me de dôr.
Tens tu saudades, como toda a gente,
Eu nem mesmo o conforto de o supor.

Mas o que mais aumenta o amargor
Da vida que hoje vivo inutilmente
E' ver findo este amor, sem que outro amor
Eu queira que me iluda e me acalente.

Foi-se-me o sonho vão que me sustinha!
Nas almas não ha nada do que eu penso
Que Deus lá pôs e que eu achei na minha.

Para que foi que te diminuiste
Se desde o inicio deste amor imenso
Tu eras já tão pouco e eu já tão triste!?

ARTE
PROFISSIONALISMO
TRABALHO

RENASCE a Arte da corporisação que lhe dá fórma, vida, espiritualidade, beleza!

Assim se acentúa, assim se define pela ânsia de estudo, pela avidez de compreendê-la, na luta travada, entre nós, nas duas gerações. A que falece, a que expira lentamente, aquela geração que se apega ainda a uns resquícios de vida que não existe, que é quimera, ilusão, fumo, nada. A outra . . . rompe o invólucro que a encerra e estende-se em espiritualização para o aperfeiçoamento máximo, pretendendo alcançar num esforço congénito, a realização extrema de concepção, corporizando a Beleza, tornando Realidade o Sonho.

São os novos!

Fazem Arte pela Arte!

Pretendem — conseguindo-o — elevar a Arte — nas letras — pelo maior e expontâneo poder de criação, na sciência: pelo maior poder de observação, profundando o desconhecido, concebendo o inconcebível, dando-lhe forma, vida e sublimando-a, por vezes, muito poucas, como Arte; na Arte: como produto máximo de concepção, como manifestação única de criação, impregnando-a de Ideal.

Entre nós, como renascendo das próprias cinzas, depois de demolido o preconceito, arredado o scepticismo, inicia-se a marcha ascencional para a vida; forma-se a legião ansiosa por alcançar o ponto máximo da Beleza.

Caminha-se sem tropeçar, seguro, firme.

Aquilino Ribeiro, António de Séves, Manoel Ribeiro, Fernando Pessoa e Antonio Botto, são já realizações!

Almada Negreiros, Eduardo Viana, Augusto Ferreira Gomes e Ruy Coelho, tambem.

Muitos, ainda, que pensam ter tocado o cúme, são o método, a regra, a escola, o traço-de-união, o profissionalismo, sujeitos a todos os erros, a todos os

prejuizos naturais... e naturais porque só assim se poderá compreender a sua falta de criação, a ausência quási absoluta de concepção.

Não porque o profissionalismo possa considerar-se inútil.

Não porque possa conceber-se a sua inutilidade em qualquer ponto da Vida.

No profissionalismo, — em todo êle — ha a Arte que vem da estética, do ritmo, da cadência.

O pedreiro, o tipógrafo, o serralheiro, o simples carregador que enche de pedras um carro de mão, tem estética na maneira de produzir, tem cadência na fórma de executar.

Poderá não lhe dar tanta arte como uma dançarina, como um sportman

Todos, porém, se agitam; todos são necessários á função mecânica da vida.

Porque viver é trabalhar e o trabalho, útil ou inútil, todos o realizam, todos voluntariosamente o executam.

A exploração do trabalho, essa sim! que é preciso exterminar! porque é a Morte da Vontade, é a Morte da Energia, é a Morte da Acção!

E... ao aproximarmo-nos da Natureza, ao aperfeiçoarmos o espírito, ao sublimizarmos a Vontade, a Energia, a Acção, atingiremos o Ideal, será bela a Vida e todos seremos artistas, impregnando em tudo e em todas as nossas manifestações: a Arte!

Os «outros» serão eternamente os velhos. Terão de consumir-se na sua própria existência!

E os novos triunfarão!

FRANCISCO AUGUSTO DIREITINHO.
(OPERÁRIO GRÁFICO)

MILY POSSOZ
"AR LIVRE"

HAIKAIS

LA TAZA DEL TE

En la taza rosa van, entre luceros,
suscistando un vago temblor de campana,
los poetas chinos, como jardineros
que cuidan las rosas de la porcelana.

PIANO DE COLA

Dragón, de la música alada
que defiendes al Principe Abril
ante el Sol, que te clava su espada...
Boquiabierto y sonoro marfil...

GRAN POLONESA

Chopin, melena de cuervo...
Estuche para un bombón;
melódico dolor acerbo,
tisis, luna y corazón...

LORITO REAL

Lorito real, verde casacón,
pantuflas de orillo, birrete de añil,
peluca postiza de buen solterón...
Cónsul de los loros verdes del Brasil.

EL CANARIO FLAUTA

« Tenorino » de la jaula,
Rigoletto amarillo,
pájaro sabio,
limón que canta...

MAR DEL NORTE

Cuando la luna caiga sobre el mar
verás los barcos patinar,
y a los osos blancos sobre ella danzar...
Cuando la luna caiga sobre el mar...

ADRIANO DEL VALLE

A propos d'Art et de l'Exposition d'Art Moderne Belge à Lisbonne en 1920

Quelques divagations sur cette première exposition étrangère d'Art Moderne en Portugal, afin de rappeler á ses admirateurs le précieux sentiment pictural belge et fortifier les sympathies (convictions serait peut--être prétentieux) acquises par l'Ecole dénommée Moderne et qui laisse aujourd'hui seuls indifferents les incapables de sentir leur époque. A la veille d'une Exposition Espagnole d'Arte Moderne, n'hésitons pas à dégager la valeur oportune du moment qu'eu cette première exposition étrangère pour les jeunes de Portugal. En passant, donnons un grain à la "Contemporanea" pour la tirelire de la "Sociedade das Belas Artes" qui dirait-on se soucie bieu peu de ses membres, quand au contraire les artistes ont tant besoin d'être entrainés.

La "popote,, qui seule en général intéresse les societés, provoque des côteries et dégenère les artistes. La "Sociedade Nacional das Belas Artes,, représentant des artistes portugais a été invitée il y a près de 3 ans à participer au "Triennal,, de Bruxelles. Quand aura-t-elle l'intention de stimuler ses membres?

L'Art c'est la contemplation. C'est le plaisir de l'esprit que pénètre la Nature et qui y devine l'esprit dont elle est elle même animée. C'est la joie de l'intelligence qui voit claire dans l'Univers et qui le recrée en l'illuminant de conscience. L'Art, c'est la plus sublime mission de l'homme, puisque c'est l'exercice de la pensée qui cherche á comprendre le Monde et à le faire comprendre. L'Art indique aux hommes leurs raisons d'être. Il leur révèle le sens de la vie, il les éclaire sur leur destinée et par conséquent les oriente dans l'existence. L'Homme peut exister matériellement, mais l'homme vit seulement dans le sens supérieur du mot par la sensibilité psicologique du Beau, par la compréhension spirituelle de la Vie.

L'Ecole d'Art belge est peut être bien comme on l'a reconnu souvent la plus riche de l'Europe. A l'éclatante et chaude sensibilité de leur oeil, ses artistes capables à la fois de finesse et de puissance, de passion et de style peuvent avec un sens et un goût rares, s'élever à l'intellect pur

de la ligne, du dessin, de la forme ou s'abandonner à la plus luxuriante matérialité de la couleur. Qu'ils soient réalistes, impressionistes ou idéalistes dans le portrait, dans le paysage, dans la figure et dans la composition décorative, les artistes belges grâce á leur dons natals de virtuosité et d'imagination ont toujours su interpréter grandement la Nature, sa luxure ou son âpreté; les joies ou les souffrances de la vie, la beauté pure de l'idéal dans la rayonnante splendeur des choses et des êtres. En un mot glorifier tout.

Cette Exposition représentait toutes les Ecoles, et, fait curieux et intéressant chaque artiste était bien la synthèse, l'âme de son pays natal, le produit de ses sensations premières, malgré les nombreuses oeuvres éxecutées à l'etranger et malgré que la peinture moderne constitue sans nul doute un mouvement international!

Que les maîtres insinuateurs se tranquilisent donc, ainsi que les nationalistes; l'Art Moderne ne dénationalise pas, au contraire, il est empreint de plus de caractère de race, puisqu'il dérive de la liberté d'esprit. D'ailleurs, L'Art Officiel ou Académique, plus conventionnel, est, lui aussi universel, puisque que dans tous les pays d'Europe on trouve des hommes capables de faire un portrait académique ou de traiter proprement un sujet classique ou historique. Sans avertissement préalable il est presque impossible de discerner la différence de nationalité de leurs auteurs. Plus encore, l'Art Académique est semblable aussi bien dans toute l'Europe qu'en Amérique. Cependant il faut être juste, et sous cette même écorce d'académisme nous sentons une différence reélle quoique subtile distinguant l'Art d'un pays de celui d'un autre. Il en est de même de l'Art Contemporain. Concluons donc et affirmons ce qui fût si souvent repété; l'Artiste doit être de son époque, il est la synthèse de ses sensations premières, et malgré les grandes facilités de comunications internationales sa pensée reste vraie. Après avoir constaté toutes ces similitudes, reste une part de divergences nationales et en poussant un peu plus loin l'analyse on trouvera toujours l'existence d'une peinture de chaque pays distincte l'une de l'autre.

La présentation quasi accidentelle de cette centaine d'oeuvres apparut forcément incomplète; avec regrettable infiltration de quelques "pompiers,,. Malgré l'intéret relatif qu'elle put offrir pour ceux qui connaissent encore d'une mannière imparfaite nôtre Art, elle ne donna qu'une faible idée du mouvement artistique belge contemporain. Tants d'oeuvres parmi les plus caractéristiques et de nos meilleurs peintres et sculpteurs n'ont put venir jusqu'ici. Telles que des "Claus", "Fabry", "Bartsoen", "Fréderic", Van de Woestyne", "Van Rysselberghe", "Wagemans", "Valerius de Saedeleer", "Rassenfosse", "Van Holder", "Oleffe" sansoublier les sculpteurs "Meunier', "Rombeaux", "Vinçotte" etc. Nous avons pourtant pu admirer plusieurs maîtres de réputation mondiale tels que Laermans, l'auteur du Mort et des Emigrants du Musée d'Anvers. Jacob Smits, le grand et naif savant qui sait si bien assimiler la belle matière á l'idéal simple et élevé. Delville, une de nos gloires du cerveau et dela conception. L'Evêque, l'auteur de l'impressionant triptique "Les Métiers Terribles" du Musée de Bruxelles. Delaunois, le fervent des vieilles églises enveloppées de lumiére que tamise les riches verrières gothiques. Le fantastique Ensor. Le doux Montald. Parmi les sculpteurs Rousseaux, penseur plein de délicatesse, de style exquis et prenant. Braecke, sôbre et impressionant,... etc. Que de choses à dire aussi

de cette riante et vivan te salle des jeunes qui montra de quelle source impérissable la Belgique est fournie de peintres et sculpteurs.

Il existe aujourd'hui entre les artistes belges et portugais qui aspirent aller de l'avant des relations de considération et d'estime. Pour s'aimer il faut bien se comprendre, nul n'ignore la grande place qu'occupent dans tout coeur de poète portugais Maeterlinck et Verhaeren, ce que César Franck est pour les musiciens?

Aujourd'hui l'humanité croit pouvoir se passer d'Art. Elle ne veut plus méditer, contempler, rêver, elle veut jouir physiquement. Les hautes et profondes vérités lui sont indifférentes, il lui suffit de contenter ses appétits corporels. L'Humanité présente est bestiale, elle n'a que faire des Artistes.

"L'Art est mort, disait le grand Rodin, aujourd'hui les artistes et ceux que les aiment font l'effet d'animaux fossiles, voilà l'impression que nous devons produire sur nos contemporains".

Ce peut-il?... oui,... non... exagéré en partie. Cette folle espérance... quel astre pour les pauvres Apôtres du Beau.

A. JOURDAIN.

Aguarella por
DIOGO DE MACEDO

A MONTANHA

Longe, muito longe, tão longe que ninguem sabe ainda onde ficava, havia uma planicie imensa, desmedida, quasi maior do que a terra toda.

Dizia-se que n'essa planicie acabava o mundo, porque para alem d'ela nada mais existia do que planicie, e que de noite, quando só se via tudo escuro, os mortos iam e vinham em correrias loucas, rasgando com galopes de sombras o recolhimento d'aquele abandono, riscando com gritos agudos o silencio d'aquela planicie que parecia ficar para alem de tudo.

Contava-se ainda que mesmo no meio da planicie, se alevantava uma Montanha enorme, colossal, tão grande que não cabia dentro dos olhos de ninguem, tão alta que do pico se via a terra inteira, e que mesmo lá em cima, onde a Montanha acabava para começar o céu, havia uma arvore de prata com tres frutos de oiro. Um, daria a quem o colhesse, o saber de tudo; outro o poder de mandar em tudo; e outro o saber que mandava e o saber que sabia.

E os homens, durante seculos, recomendavam cheios de medo esta historia aos filhos, sempre á espera que um dia, algum mais valente fosse capaz de não ter medo dos gritos dos mortos nem dos galopes das sombras e tentasse ir apanhar os tres frutos de oiro da arvore de prata que estava no pico da Montanha, de onde se via o Mundo inteiro.

Um dia, porêm, junto do principio da planicie apareceram duas mulheres. Uma era magra e tinha os olhos muito abertos. O Sol entrando-lhe por entre os farrapos que vestia, abria-lhe clareiras vermelhas na pele. O cabelo andava-lhe emaranhado sobre os hombros, os dedos afilados tinha-os em posição de querer agarrar, e a boca, aberta numa crispação de anciedade, parecia querer tomar d'um fôlego a planicie enorme que se estendia ainda para alem de não se sabia o quê.

A outra mulher tinha a boca quieta, os labios bem apertados um de encontro ao outro. As mãos fechadas pareciam estar segurando qualquer coisa, o cabelo aparecia-lhe escorrido sob um elmo de aço reluzente, e no peito uma couraça não deixava ninguem perceber-lhe o arfar do seio. Palpebras quasi cerradas, o seu olhar tinha-se fixado num ponto que dividia perfeitamente ao meio, a parte da planicie que se abria em frente.

— Que pretendes d'aqui? — Perguntou a mulher magra e de cabelo emaranhado, abrindo ainda mais os olhos e agitando os braços.

— Ganhar a planicie, subir a Montanha e colher os tres frutos de oiro da arvore de prata! E tu, que pretendes!?

— O mesmo que tu!

— Quem és?!

— Sou a Paixão! — respondeu a mulher magra num grito. — E tu?

— Sou a Razão! — disse a outra.

— Pois veremos qual de nós colhe os frutos de oiro! — e numa carreira louca partiu entre gritos, direita ao horizonte.

— Veremos! — disse a Razão; e serenamente, principiou andando em direção ao ponto que o seu olhar tinha fixado.

Já na linha que lá longe unia a terra ao ceu, desaparecera a Paixão que não tinha parado de correr, quando a Razão chegou ao ponto que dividia ao meio a parte da planicie que se abria em frente. Sentou-se. Descançou, e depois poz-se novamente a caminhar no seu passo seguro, egual e sereno.

Passou um dia, depois uma noite, o Sol apareceu e escondeu-se muitas vezes mais, até que uma tarde, quando a Razão procurava com os olhos um caminho mais limpo de pedras, viu a Montanha que se erguia na sua frente, magnifica de tamanho, cravando o pico para muito alem das nuvens, quasi a roçar nas estrelas

Já a meio da Montanha, a Paixão subia. As mãos e os pés desfeitos em sangue pelos cardos e pedras, já de nada lhe serviam para se agarrar. Rastejava agora de penedo para penedo, rasgando as carnes nos gumes afiados do granito, os olhos muito abertos, como a querer segurar-se com o olhar.

Então a Razão começou tambem subindo a Montanha.

As piteiras bravas cresciam gigantes, estendendo barreiras entre as pedras enormes, mas a Razão rodeava os maiores penhascos, abatia as hastes dos tojos para passar, e só depois de ter os pés bem firmes sobre uma clareira ou uma pedra, procurava um novo ponto de apoio.

Entretanto a Paixão via o pico da Montanha entrando-lhe mais no olhar. O corpo aberto em chagas pelos punhais dos cardos ia-lhe ficando aqui e alem em pedaços, cobrindo de flores vivas de sangue as urzes hirtas, queimadas pelo Sol.

N'um relampejar deslumbrante, os tres frutos de oiro, batidos de luz queimaram-lhe os olhos. Tentou fincar os pés n'uma pedra, mas a pedra escaldada pelo sangue fugiu doida pela montanha abaixo. Deitou os dentes a um ramo seco e arrastou mais o corpo. Já quasi tocava nos frutos de oiro que, indiferentes, continuavam a sua existencia de seculos. Estendeu o braço, mas a mão, de ossos quebrados, apenas espalhou em redor uma multidão de gotas vermelhas, reluzentes, que as pedras recolheram rapidas. Então tentou colher os frutos com a boca. Por debaixo do ramo, um bico de granito apontava para ele. Apoiou o peito e n'um esforço supremo, heroico, formidavel, puxou-se. Um grito arrepiou a Montanha e foi correndo pela planicie fora, procurando espavorido um logar para se esconder.

O pico de granito aparecia agora coberto de sangue, lembrando um batalhador invencivel, e ao lado, o corpo da Paixão tombava sobre o abismo, inerte, morto.

Ainda o Sol não tinha secado as feridas da Paixão, quando, ao procurar o ultimo ponto de apoio antes de deixar o penultimo, a Razão viu que era aquele o pico da Montanha.

Viu o corpo coberto de sangue, afastou-o para poder passar e estendendo a mão aberta, colheu os tres frutos de oiro da arvore de prata.

. . . .

Diz-se que de noite, quando o pico da Montanha adormece no meio de muitas estrelas, encastoadas em halos egoistas, ainda se vê da planicie o vulto da Razão, e que o sangue que a Paixão foi deixando quando subia — nos cardos bravos e nas piteiras gigantes — brilha como se fosse feito de luzes pequeninas.

Henrique Roldão

LITERATURA DE SODOMA

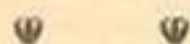
O sr. Fernando Pessoa e o ideal estetico em Portugal

SENHORES meus, nunca eu me vi em tamanha atarantação!... Aqui muito á puridade lhes confesso, coração nas mãos, penna emperrada e hesitante, que não sei como demonio heide começar este artigo e, — o que é muito péor! — nem mesmo chego a decidir comigo se o devo ou não lançar á publicidade... Aqui teem os leitores da *Contemporanea* um assumpto de que é urgente falar, mas que requeria um canto absolutamente isolado, como as salas escondidas de certos museus por esse mundo de Christo... O que lhes tenho a dizer abonam-no a voz de Deus, a prosa candente e viril do Apostolo das Gentes, a saude do corpo e do Espirito; estão comigo as regras inviolaveis da natureza e os ensinamentos inflexiveis da razão humana quando despida de romantismos de qualquer especie, a Razão que actua sobre a sensibilidade e d'ella é capaz de se tornar absoluta dominadora... Mas, Deus do ceu! não é comtudo verdade tambem, haver assumptos repugnantes que se podem facilmnete tornar pedra d'escandalo — e ai de quem dér escandalo! ameaça a voz divinamente candida de Nosso Senhor pela bocca dos seus evangelistas! — assumptos que, tratados com a largueza necessaria, podem redundar em reclame a obras de maldição, attenta a morbidez da humana curiosidade nestes tempos de transição, em que a imunda teoria dos vicios pretende encovar a alfurja por entre as ruas floridas da mocidade?... Valha-me Deus, que nem eu sei como a minha consciencia hade traduzir para o papel o que é urgente afirmar — para collocar as coisas no logar devido, para desviar de sobre a minha geração, aquellas imputações nefandas que o seu silencio poderia suscitar, mas que o seu culto da serena e divina Beleza em absoluto condemna e repelle...

Preciso falar-lhes de Sodoma: que os anjos enviados por Deus a casa de Lot abstraiam da minha indignidade e me acompanhem na repugnante travessia...

...Que Nosso Senhor seja comigo!...

❦

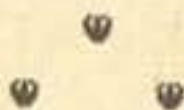
❦ ❦

VISAVA a fóros de enorme retumbancia entre os moços da geração que ora passa, o artigo — sophisma que o sr. Fernando Pessoa, cultivando a *blague* com amor e o escandalo com dedicação, ha semanas publicou nesta revista, *feita expressamente para gente civilisada e para civilisar gente*. Mas, a escandaleira politica dos ultimos tempos levou de vencida o doentio proposito do novel escriptor e eu acharia justo remette-lo ao esquecimento se, por má ventura, elle não houvesse ficado arquivado para leitura de todo o momento nas paginas d'arte d'esta revista paragente civilisada...

Entre os novos tornou-se já um estafado logar commum o indicar o nome do sr. Fernando Pessoa como um dos mais representativos entre os valores da minha geração. Não serei eu quem conteste a verdade de tal afirmativa, antes a confirmo com a minha nenhuma auctoridade, e é exactamente por isso que me espanto com as turbas vendo-o enfileirar entre os symphonistas dos fedores, remecher, ás mãos ambas e plenas, os escorralhos nauseantes da esterqueira romantica, olhar com amorosa complacencia o pús literario dos ultimos gafados. Sequioso de ineditismo, pescou do justo esquecimento um livro sem arte nem belleza e como, nessa miseria impressa, fosse claramente feita a apologia daquellas aberrações sexuaes que levaram Deus a

sepultar Sedoma e Gomorrha sob um diluvio de fogo e enxofre, o sr. Fernando Pessoa, sacudiu de sobre o livro a poeira espessa que o encobria, pendurou-o nas primeiras protuberancias lunares que se lhe antolharam, falou-nos do culto da Belleza entre os Gregos e, com toda a imponencia — aquella imponencia que lhe dá a admiração que todos os novos lhe dedicam — proclamou *ore rotundo*, que o auctor daquella escorrencia literaria é o unico entre os portuguezes a quem o titulo d'esteta póde caber.

Um triste sorriso d'ironia e de piedade — eis o que deverá provocar sempre a leitura das paginas geradas pelo espantoso lapso mental do sr. Fernando Pessoa... Não concorrendo no livro que tanto o entusiasma qualidade alguma que o recommende á admiração dos estetas — de tal modo escassearam no seu auctor faculdades de realisação literaria, tão pobre é o seu conteudo mental, tão chatas e languescentes as suas construcções podalicas — forçoso será concluir que a intrusão dos Gregos no arrazoado panegyrista do sr. Fernando Pessoa, apenas é devida ao facto de o livro referido sêr uma torpe exhibição do amor thracio.

E' realmente desolador que o sr. Fernando Pessoa não tenha respeito pela sua propria inteligencia... Por justa consideração para com o sr. Fernando Pessoa de hontem, respondamos ao sr. Fernando Pessoa de hoje, e façamo-lo — para desviar suspeitas de parcialidade — não á luz dos nossos principios religiosos e moraes, mas sim ajudado pelos principios da propria cultura helenica.

❦
❦ ❦

PONDO de parte tudo quanto no seu artigo nos diz sobre os criterios d'imperfeição e o ideal helenico, — mero apontoado de coisas boas e más, que para o caso não passa de simples farelorio, — admitamos o que Winckelmann, citado pelo sr. Fernando Pessoa, afirma e que reproduzo textualmente:

Como é confessadamente a belleza do homem que tem de ser concebida sob uma ideia geral, assim tenho notado que aquelles que observam a belleza só nas mulheres, e pouco ou nada se commovem com a belleza dos homens, raras vezes teem um instincto imparcial, vital, inato da belleza na arte. A pessoas como essas a belleza da arte grega parecerá sempre falha, porque a sua belleza suprema é antes masculina que feminina.

Se me dá licença, acho o argumento d'aquelles que voltam os bicos contra o argumentador. Em primeiro logar, se muito são d'espirito não ousa expressar em publico a sua admiração pela belleza masculina é porque tem receio de que o confundam desastradamente com os amadores d'actos contra-natura, entre os quaes enfileira o proprio Winckelmann. Em segundo logar, sendo a arte grega o culto da belleza plastica, e um perfeito concerto de harmonias e de linhas terrenas, a pêrros teria de se dar o sr. Fernando Pessoa para me convencer de que os seus *estetas* possuem esse culto, sentem esse concerto. Se me dá licença, repito, o argumento volta-se contra o argumentador, e os seus estetas não vão alem de simples devotos do orgasmo invertido: para d'isso nos capacitarmos bastará ler o livro do seu panegirisado. Uma coisa é ter veneração pela belleza plastica, como na maioria dos gregos; e outra, inteiramente diversa, é a impulsão genesica, seja ella hetero ou homosexual. Um corpo d'athleta, aonde se verifiquem perfeições d'estatua grega, é uma coisa bella, incontestavelmente bélla, como obra da sabedoria divina. Mas, por ventura os individuos que, pathologicamente, se desviam da contemplação da belleza masculina e se deixam levar pela onda ascorosa do desejo invertido, porventura esses serão estetas, na sentido puro e insofismavel da palavra? Acaso esses *réus do nefando*, — como o Santo Oficio justiceiramente os apelidava — acaso elles teem o culto da belleza plastica, á semelhança dos helenos e no que elle possuia de mais elevadamente artistico? Por amor de Deus! deixemo-nos de hipocrisias! Para se ter o sentido da belleza fisica, mister se torna possuir tambem o sentido das proporções, o respeito pelas inflexiveis leis da natureza, ou — o que é muito mais elevado e filosoficamente christão — o culto pela obra de Deus, pelo que de perfeição Deus poz nessa obra, para nos dar uma ideia do que, de mais perfeito, nella poderia ter posto. Ora, o que a experiencia tem demonstrado a todos quantos estudam as profundas miserias sexuaes do todos os tempos, é que os taes estetas, na sua totalidade esfuriados pela pedicação, não possuem de modo algum o sentido da Belleza plastica mas unica e exclusivamente a tentação pela anomalidade sexual. *E' esse o unico mobil do seu escandalo e só esse.* E a experiencia egualmente demonstra, ser rarissimo os réus do nefando escolherem cumplice que participe das harmonias d'uma estatua grega: em geral, o patico escolhe um brutamontes, e é levado por um exame que a decencia me impede de apontar. Quanto ao cinedo, a sua escolha recae em individuos de compleição franzina e delicada que, pelo aspecto exterior, pelos modos, falas e acções, macaqueiam o sexo bello. Em qualquer dos casos teremos um criterio de escolha que não abona as tendencias helenicas dos taes estetas. Onde, pois, o culto da belleza masculina, se, em ambos os casos sujeitos, se lhe foge pela contrafacção? Será porventura estetico o culto pela bestialidade? Será acaso manifestação de entusiasmo pela belleza mascula e viril, o procurar no homem atributos femininos, atributos esses que, no caso em questão, por serem anti-naturaes e estarem deslocados, se caracterisam de ridiculo e de ignominia?

NOTE-SE desde já que, mesmo entre os gregos, e a despeito de tudo quanto o desvergonhamento de hoje nos queira fazer acreditar, o uranismo não se legitimava por culturaestetica mas sim por aquellas allegações risiveis cujo relator foi Platão no seu *Symposion*. Para o celebre filosofo, não sendo o mundo fisico objecto de sciencia, só poderia ser tratado por meio de fabulas ou de mythos, que elle desenvolveu com arte mas que, na phrase de Jacques Maritain, mais não servem do que para mascarar a impotencia da sua doutrina perante a realidade corporal.

C'est dans ces mythes qu'il attribue la production ou plutôt l'organisation du monde à un demiurge — regardé par beaucoup d'interprètes comme distinct de Dieu et inferieur à lui — et qu'il expose cette étrange idée que tous les organismes vivants proviennent de l'homme : les premiers hommes produits par les dieux étaient du sexe masculin ; ceux qui ont mal vécu ont été après leur mort changés en femmes, qui à leur tour, si elles ont continué à pécher, ont été changées en animaux sans raison et même peut-être en vegetaux [1].

Assim, para o celebre discipulo de Socrates, o uranismo muito mais do que uma base puramente plastica, tinha uma base metafisica, asserção que não resiste a meia gargalhada. E a irrefragavel expressão da verdade é que, para os gregos, tanto a plastica feminina como a masculina eram egualmente bellas, se é que o não era muito mais a feminina porque entre elles o arbitro da formosura plastica estava symbolisado por um sêr feminino, a deusa Aphrodite, e não pelo outro sexo [2]. Para os gregos, como para todos quantos possuam dez réis de miólos, *o homem e a mulher eram bellos em si, materialmente, e incompletos em relação um ao outro* : completavam-se na união hetero-sexual e quebravam essa harmonia na inversão. Foi assim que o comprehenderam os gregos em questões d'estetica : o uranismo para elles, a despeito do lirismo das phrases de Platão no seu *Banquete*, era uma fórma de libido : instinctivamente, apesar das praticas vergonhosas a que se entregavam, despresavam-no, ou, pelo menos, não lhe conferiam fóros de culto pela virilidade porque, o termo que designa a miseria physica e moral a que se entregavam, provêm de duas palavras : *paidos* e *erastes* — ou seja (que horrivel coisa ter de o escrever aqui !) as praticas eroticas com creanças.

Como se vê claramente, pelo que acima deixo escripto e transcripto, nem entre os gregos, nem tampouco entre os panegyrisados pelo sr. Pessoa, havia, na sua degradação sexual, symptoma algum de culto pela belleza masculina, culto esse que requeria absoluta pureza d'instincto e de ideias. E' que, tanto os helenos, como os seus mais directos herdeiros, os romanos, atribuiam aos invertidos certas qualidades que não abonam absolutamente nada o tal culto pela belleza masculina Nuns e noutros, e com referencia áquelles que não haviam corrompido o sentido da Belleza, era frequente a murmuração contra o vicio a que me refiro. E lançando mão da satira — quando não da sanção legal, como entre os Romanos pela celebre lei Scantinia — flagelaram sem piedade os uranistas. As poesias de Anacreonte e de Theocrito, que tamanha miseria exaltam, fazem-no em homenagem ao libido que lhes combure até ao inverosimel a apodrecida carcassa, e não nos apresentam como passivos senão individuos aonde se encontrem reflexos da belleza feminina. Impossivel é fazer citações das suas liricas porque a minha repugnancia fisica e os meus escrupulos religiosos m'o prohibem totalmente. Quem se quizer certificar do que afirmo, mais não tem do que consultar as muitas traducções que, poetas com poucos pruridos de moral, se deram ao trabalho ingrato de elaborar.

Note-se ainda que, se entre os gregos, por deficiencias de toda a ordem, se não chegou a condennar pela injuria, pelo agravo e pela sancção legal semelhante miseria, entre os Romanos, seus discipulos e aperfeiçoadores em tudo, os cinedos e os paticos foram objecto das mais cruas invectivas, e bastaria a leitura de Juvenal ou de Seneca para ficarmos fazendo uma ideia do tal culto estetico professado pelos individuos de que o sr. Pessoa se fez o desastrado panegyrista. Para o grande satirico latino, como para Seneca, todos os amadores passivos das inversões sexuaes nao passam de contrafactores d'aquillo que nas filhas d'Eva é graça natural ; teem como caracteristicas principaes : olhar languido ; passo indeciso ; marcha sem porte viril ; rosto efeminado ; fragilidade, delicadeza de membros ; cabellos soltos ; molleza d'espirito ; uso e abuso dos cosmeticos e perfumes ; garridice do vestuario ; aluvião de aneis nos dedos ; requebro de meneios... E' pois, *malgré* a repugnancia que sentem pelo sexo fraco, a tacita confissão da superioridade feminina : é a natureza a tentar baldadamente, pôr tudo no seu logar, buscando não ser torpemente escarnecida ! A inversão, nesses miseraveis, repudiando leis eternas, vae cair na entrudada vergonhosa da contrafacção dessas leis !... A malignidade dos sêres referidos vae até á suprema irrisão de nos querer pôr abaixo dos proprios irracionaes — que nem abusam do que lhes é natural, nem usam (a não ser por engano do instinto) do que lhes não é dado !

Se os estetas de que nos fala o sr. Pessoa não passam, afinal de contas, de rebotalhos d'uma geração ; se nelles o culto da belleza mascula em nada mais consiste do que na ancia de satisfação d'uma carnalidade monstruosa, fóra de todas as leis da natureza e exemplificada

---

[1] *Jacques Maritain*, ELEMENTS DE PHILOSOPHIE. *Introduction générale à la philosophie*, Pag. 49. Paris, Pierre Téqui, libraire editeur, 1921.

[2] Os que defenderam a estulta afirmação de que, os Gregos, mais presavam a beleza masculina do que a feminina, vêr-se-iam em sérias aflições para explicar o caso, (historia ou lenda, pouco importa) de os Heliostes terem absolvido Phrynea, acusada de um crime gravissimo perant: o fôro helenico. Vendo em perigo a cabeça da sua constituinte, o defensor da celebre hetaira rasgou-lhe a tunica d'alto a baixo e desafiou os carrancudos juizes a que votassem á morte o corpo esculptural que alli se exhibia inteiramente desnudado... E os Heliostes, vencidos, deslumbrados, não tiveram remedio senão absolver a loira Mnezarete...

Facto ou lenda, mal parada fica em ambos os casos a preferencia pela beleza masculina entre os helenos...

nas mais ridiculas mascaradas do desejo sexual, na mais bestialisante coprolalia; se para elles a Grecia não vale senão pelo uranismo — que não é esteticismo, nem é oriundo das bellas terras d'Homero, mas sim uma anormalidade erotica supurada em todos os tempos, todos os paizes, e em todos os paizes e tempos escarnecida, quando não amaldiçoada e punida — para que demonio vir a publico com a apologia indecorosa dum livro que só tem de especial o ser, em toda a acepção da palavra, uma porcaria?

Culto da belleza? esteticismo á grega? Porque demonio é que o sr. Fernando Pessoa lhe não chama aquillo que todos, inclusivé o proprio autor, lhe chamam?

... A ideia que certos fabianos fazem do que seja criticar!...

❦

❦ ❦

Afinal de contas, tanto a imundicie publicada pelo sr. Pessoa como aquella que lhe deu origem, mais não são do que simples manifestações de podridão romantica. O Romantismo, rebellião do instincto contra a intelligencia, é de todos os tempos, como expressão de fadiga na organisação intellectual, como impulso violento do individualismo contra a disciplina social. Vem de longes tempos: o proprio Platão, apesar de lirico defensor de paticos e cinedos, assim o comprehendeu. *Le souci de lutter contre le romantisme moral de son temps apparait fort net dans Platon, lorsque, de sa République idéale, il écarte les poètes, qui s'adressent à la partie «faible» de l'âme, à celle qui est susceptible d'illusions, et s'attendrit immodérément sur la misère humaine — à la sensibilité en un mot*, [1] escreve Ernest Seillière. E sempre foi a literatura o melhor vehiculo da miseria moral: desde as producções fescenninas da decadencia romana, até á imoralidade sentimental de varios romances de cavallaria; desde a Renascença com a sua degeneração pagã, passando pela miseria intellectual das gerações saidas de Rousseau até ao romantismo de esgoto de Zola, - o *Grand Fécal*, como lhe chama Léon Daudet, — ao que temos nós assistido senão á tendencia da Besta para se sobrepôr ao Espirito? Erasmo talvez não andasse muito longe da verdade quando afirmava que a Loucura era a rainha do mundo, tanto a civilisação parece querer levar os homens para a inconsciencia, para a bestialidade. *Jugez de là s'il ne faut pas que la Folie soit un grand bien, puis que les Sçavans ont donné tant de louanges à son ombre seule & à son image. Horace qui s'appelle lui même un pourceau d'Epicure des mieux conditionnés, dit la chose plus naturellement lorsqu'il ordonne «de mèler la Folie avec la Sagesse». Il veut, je l'avoue, que cette Folie soit courte; mais en cela il n'en a pas plus d'esprit. Le même Poëte dit dans ses odes: «Qu'il est doux d'extravaguer à propos!» Et ailleurs, qu'il «aime mieux passer pour un homme en délire & sans nul tallent, que d'être sage & enrager tout son saoul». Homère, qui donne tant de louanges à son Télémaque, ne laisse pas de le nommer quelquefois jeune étourdi; & les Poëtes tragiques donnent volontiers le même nom aux jeunes gens, comme s'il était de bon augure. Quel est le sujet de la divine Iliade? Ne sont pas les fureurs & les folies des Rois & des peuples? Ciceron n'a jamais pensé plus heureusement que lorsqu'il a dit: Que tout le monde était plein de fous». Or, vous n'ignorez pas que plus un bien est général, plus il est excellent.* [2]

Erasmo quasi que tinha razão... Que temos nós visto desde ha muito — e sobretudo nos ultimos duzentos annos — senão o instincto cego a rebellar-se contra a intelligencia, os pseudo sabios a escavacarem tudo com a sua ancia de reformas, os *humanitarios* a pregarem verdadeiras loucuras, e os homens de letras a secundarem a sua tarefa de morte e destruição? Se todo o mundo, ao contrario do que pretendia Cicero, não está cheio de doidos, não haverá nelle, comtudo, uma boa meia duzia de malucos a pretender tripudiar sobre a impassivel preguiça do resto? Este caso do sr. Pessoa e do seu panegyrisado é bem concludente.. Quem é que apareceu a protestar, — não contra o segundo porque esse é talvez o menos culpado — mas contra o primeiro que se tornou assassino da sua propria intelligencia, prestando-se a protogonista duma reles farçada de reclame?

❦

❦ ❦

Do arrazoado do sr. Pessoa se conclue que apenas serão estetas em Portugal os paticos e cinedos. Portanto quem quizer ser esteta, forçoso será que se entregue a actos contra-natura. Semelhante teoria, bruta até ao exagero, visa á complacencia dos basbaques elegantes, e ao réclame pelo escandalo. Verdadeira miseria psychica em ambas as intenções, não me causaria espanto se proviesse dum celebre titular que o lapis de Bordallo Pinheiro justiceira e implacavelmente fustigou; que provenha porem dum individuo que se nos apresenta como intellectual, isso é que me causa um espanto doloroso como manifestação do que seja a critica em terras lusiadas. Se o sr. Pessoa, com toda a sua cultura, se nos revela como acabamos de vêr, que demonio se hade exigir dos chumecos que fazem critica nos periodicos?

O assumpto que, com tamanha repugnancia, aqui tenho tratado — a prosa da sr. Pessoa — revela-se-nos como mais uma exhibição patologica do desejo de fazer escandalo. E' o ultimo porventura dos symptomas da deliquescencia romantiça em Portugal: trata-se duma subordinação do juizo á sensibilidade e, tanto pelo que respeita ao individuo em questão como ao seu panegirisado, os caracteres romanticos são absolutamente nitidos. Tanto num como noutro — e com a diferença apenas de que um tem talento e o segundo está sujeito á clinica da especialidade — o caso é absolutamente caracterisado. Como consequencia logica da subordinação da

---

[1] LA PHILOSOPHIE DE L'IMPERIALISME, vol. IV: LE MAL ROMANTIQUE, *Introduction*, pag. XIV. Plon Nourrit, editeur, Paris, 1908.

[2] L'ELOGE DE LA FOLIE, *tradait du latin d'Erasme par M. Gueudeville*, Nouvelle Edition, revue & corrigée sur le Texte de l'Edition de Bâle. M.DCC.LXXI. Pags. 187 e 188.

inteligencia á sensibilidade, ambos possuem — notada é claro a restricção que acima deixo — uma impressão obsediante de incompleto, de angustiosa solidão moral, de melancolia procurada, de excitação nervosa, de langores d'erotismo, de existencia descolorida, irreal, longinqua — as qualidades, exarcerbadas é claro, da *Weltschmerz* dos romanticos allemães, ou do *mal do seculo* da geração francesa de 1830. Entram em funcção, dum modo assolador e como unico recurso admissivel para ambos, as faculdades do seu subconsciente no fito de sobre ellas apoiarem o seu esforço d'expansão vital, donde um mysticismo invertido e irracional — para me servir da expressão de Ernest Seillière — e a qual conduz, como é obvio, ás peiores aberrações, á degradação ultima do ser humano. E ainda como ultimas caracteristicas do seu marcado romantismo, (e todos sabem como a essencia do Romantismo se oppõe em absoluto ao ideal helenico) ambos se dão a *velleités passagères de retour aux inspiration rationelles*, bem como ao *emploi fréquent du vocabulaire de la raison;* teem por vezes *le langage intermittent de la vertu, qui ne nait pourtant que d'un effort sur soi même, d'une discipline consciente imposée aux propensions subconscientes du moi. Incapables de realiser l'acte raisonnable, ces impulsifs en conservent du moins le respect et en emploient le nom afin de farder à leur propres yeux les fantaisies de leur instinct.* [1] E' o caso de Winckelmann procurando cohonestar, sob o protesto de helenismo, os vicios vergonhosos a que se entregava: é o de Byron e Chateaubriand, ambos incestuosos mentaes, se é que o primeiro o não foi por pensamentos, palavras e obras; é o de Theofilo Gautier na *Mademoiselle de Maupin*, e o de todos os criminosos literarios d'então para cá. A sua verborrhagia, desmarcada e aberrativa, importa sempre um recurso ao sofisma e foi isso que observamos na prosa que motivou as linhas deste artigo. Como já fiz notar, nas liricas tão presadas pelo sr. Pessoa (tão banaes como arte, como realisação plastica, santo Deus!) o que nos surge a cada passo são as apologias homosexuaes do auctor; culto da Beleza, como expressão de harmonia não existe nelle porque, para ser logico e absolutamente helenico, teria de pôr em egual plano a beleza feminina. Estamos pois em frente, repito, dum caso de putrescencia romantica: o auctor em questão é um romantico e não um romano; um fabiano como varios e não um grego da ultima hora; um debil d'espirito e jamais um ser inteligente; é um desventurado, se assim o quizerem, no qual se dissolveram por completo as faculdades superiores da inteligencia. E o recurso de ambos ao sofisma é a melhor prova da sua podridão romantica. *En effet, leur subterfuge le plus redoutable, parce qu'il est sincere, c'est de prendre et donner leur debilité physique et morale pour un excès de force, leur maladie comme une exubérance de santé. Illusion qui procède de cette maladie elle même!* [2] Não sei bem se, realmente, será sincero o subterfugio, conforme quer o ilustre critico que me fornece estas achegas; o que eu sei é que, por cobardia e indolencia' dos portuguezes, a estes lhes tem sido feito nos ultimos cem anos toda a casta de judiarias mentaes por banda dos pseudo-pensadores!.. O receio cobardissimo de parecer retrogrado tem levado muito espirito a contemporisar com a Suburra intelectual, a permittir entre nós e em todos os campos, sem protesto quasi, as mais risiveis abstrusões; uma critica irremediavelmente cretina, encyclopedicamente ignorante, comodista, agnostica, — o seu agnosticismo vem não só da sua ignorancia como tambem do seu culto pelo vil metal — adoptando o criterio da arte pela arte como o mais proprio a deixar em paz e á vontade a sua ignorancia, o seu comodismo, a sua ganancia e a sua preguiça mental, uma critica tal como a acabo de caracterisar deu as melhores complacencias a tudo quando lhe apresentaram como novo e distinto. O resultado é a miseria politica e moral em que a Nação se debate.

Pouquissimos se lembram da maxima sublime de S. João Berckmans, *Ad meliora natus sum:* Deus não existe para esses animaes e, quando elles admittem a sua existencia é para subordinarem esse Deus ás miserias humanas de toda a casta! O Deus destes simios, a existir, seria egual a eles, e perfeita inutilidade portanto; ter-se-ia dado ao luxo de elaborar um codigo maravilhoso de conducta moral, mas sem se importar de que os homens o seguissem ou não. Tudo o que fizessemos sobre a Terra estaria bem: acabada a vida, por mais porca e abjecta que ella houvesse sido, teriamos na outra vida uma Biarritz aonde, logicamente, iriamos continuar a bella vidinha terrestre. Assim, pois, inteligencia seria synonimo de instincto desentreado; Christo não teria cá vindo fazer nada e os Apostolos não passariam duns respeitaveis massadores. D'aqui, guerra é Egreja, ás instituições politicas creadas pelos povos á sua sombra; combate sem treguas ás ideias de ordem, de disciplina, de hierarchia; sobreposição do individuo á sociedade e, consequentemente ruina total do individuo. D'esse periodo miseravel a que Léon Daudet chamou *o estupido seculo XIX*, ficou-nos um pantano; e aquillo que delle podermos salvar não lhe pertence. Pôdre nas ideias e nos factos, os seus miasmas chegam ainda até nós. Pierre Lasserre, definiu bem a podridão romantica, ao escrever:

Sensualisme des idées; métaphysique des émotions, materialisme mystique, bestialité lyrique, ainsi pourrait - on définir la tare, disons mieux: la pourriture romantique de l'intelligence [3]. Já Goethe definia como classicismo a saude, e romantismo a doença!.. Não haverá no que acabo de citar materia que baste para definir o estado intelectual do sr. Pessoa? Pobre d'elle que ainda não comprehendeu ser a vida uma coisa tão seria que, nella, mais deveriamos pensar do que rir! A vida é uma simples e longa preparação e ha coisas de que não é licito zombar. E peior, muito peior se a nossa imaginação se agita continuamente entre os espelhos de Hostius Quadra... Será a ruina completa dum espirito, o emparceiramento com as coisas inuteis que são lançadas ao fogo... Quanto aos seus estetas, na vida terão o sarcasmo justiceiro de Juvenal:

Interea tormentum ingens nubentibus haeret,
Quod nequeunt parere, et partu retinere maritus.

... Mas, depois da morte, sr. Fernando Pessoa, o que será d'elles e de quem tiver desprezado traze-los á *diritta via?*

ALVARO MAIA

---

(1) Ernest Seillière, obra citada, Introduction, pag. X.
(2) Idem, idem pag. XII.
(3) *Pierre Lasserre*—LE ROMANTISME FRANÇAIS, pag. 170 Paris, Librairie Garnier, Frères.

ÉCOUTE-MOI, M'A MIE!

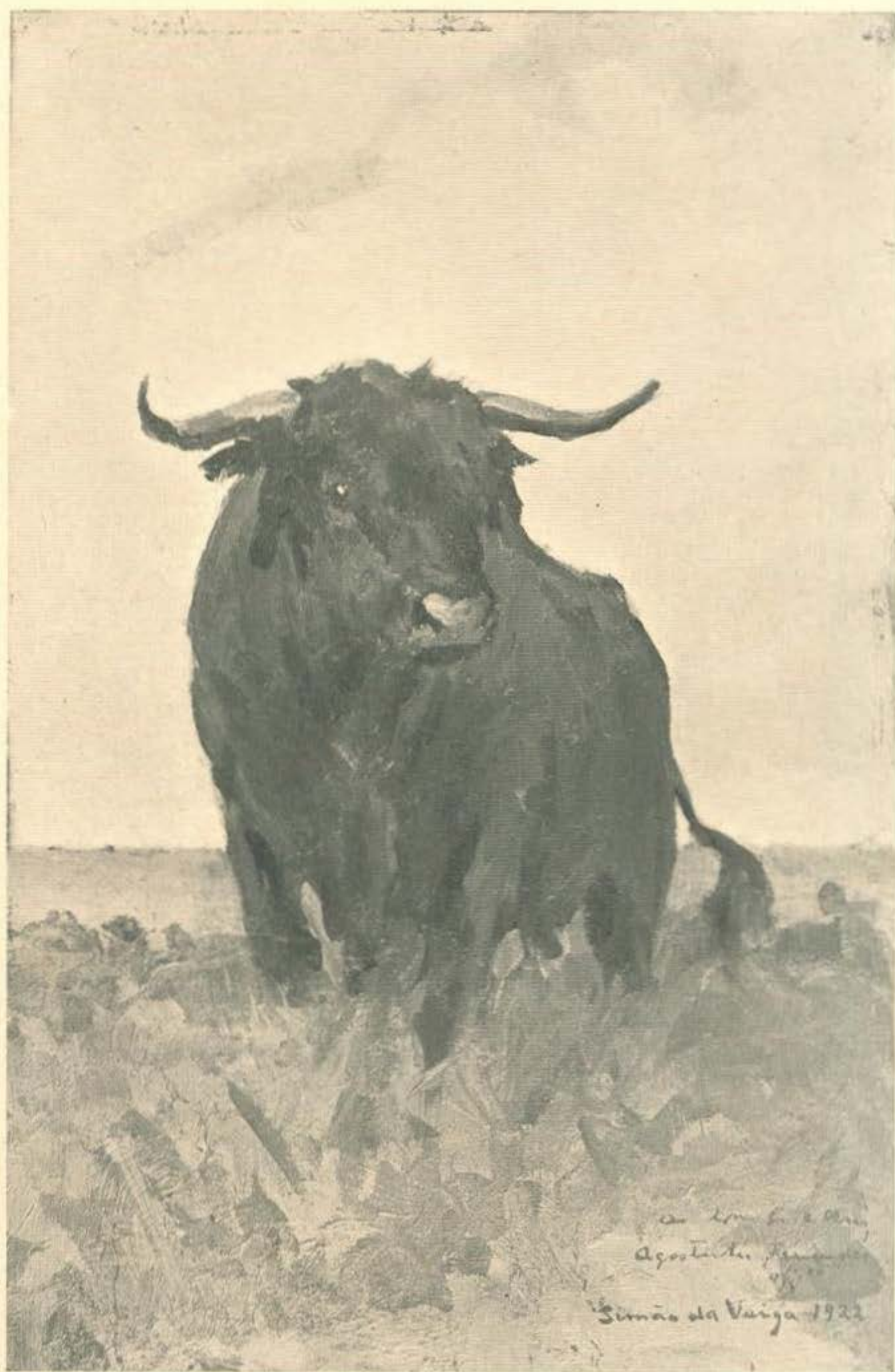
(A celle seule qui puisse comprendre
ce que je voudrais dire...)

Je ferai de mon coeur le Temple aimable et doux,
Où tu iras prier les Dieux de la Tendresse...
Ma pauvre âme y sera pour t'attendre, à genoux,
Et, dans l'air solennel d'un crépuscule roux,
Nous fuirons la Passion, nous aimant sans ivresse.

Car l'ivresse est toujours un Poète menteur
Qui chante l'enthousiasme et la fatigue ensuite...
On s'aime mal et moins, quand on s'aime trop vite:
Tout se gate et se fâne et surtout le bonheur!

Ainsi, oh mon Aimée, c'est cet amour que l'on
Doit chercher dans la Vie. Et de notre ame blame
Cherchant le grand secret, nous y découvrirons
Le secrct triomphal de notre Mort Suprême.

Lisbonne, 1920, Mai

F. DA SILVA PESSOA

SIMÃO DA VEIGA
"MOTIVO RIBATEJANO"

AFONSO DE BRAGANÇA

Á hora de fecharmos este numero chegou a noticia de ter falecido no Porto o nosso querido amigo.

Morreu para a vida intelectual portuguesa um dos mais brilhantes espiritos da geração.

Foi uma Individualidade porque deixou um logar que não se preenche.

Foi um Inspirado porque sacrificou os seus interesses de homem ás suas elevadas intenções de artista.

No proximo numero a CONTEMPORANEA, pela pena de alguns dos seus amigos dirá ao publico o que era Afonso de Bragança.

CONCURSO DE PEÇAS TEATRAIS EM 1 ACTO

ABRE A "CONTEMPORANEA" O SEU PRIMEIRO CONCURSO NAS CONDIÇÕES SEGUINTES

1.ª — Abrangendo PORTUGAL e ESPANHA.

2.ª — Serão duas as peças premiadas, uma de cada nacionalidade.

3.ª — O premio consistirá:

a) Num diploma de premio "CONTEMPORANEA".

b) Na publicação das peças em "separata" reservando-se para cada autor 50 exemplares numerados em edição de luxo.

c) Na representação das mesmas em PORTUGAL, ESPANHA, BRAZIL E ARGENTINA, uma vez traduzidas para os respectivos paizes.

4.ª — O jury será constituido por elementos da maior competencia de ambas as nações, e oportunamente nomeados.

5.ª — Os originais devem ser assinados com pseudonimo, e enviados a esta redacção juntamente com um envelope lacrado, contendo o nome e morada do autor, e tendo por fóra o pseudonimo que lhe corresponde.

a) Apenas serão abertos os que disserem respeito aos originais premiados, e os outros, entregues por abrir com os respectivos originais a quem os requesitar contra recibo.

6.ª — O prazo de entrega é, inadiavelmente até 31 de Dezembro do corrente ano de 1922.

7.ª — Considera-se fóra de concurso todo e qualquer original que não obedeça ás condições expostas.

"MAXIM'S"

LISBOA PORTUGAL

O PRIMEIRO RESTAURANT DO PAIZ
UNICO NO SEU GENERO

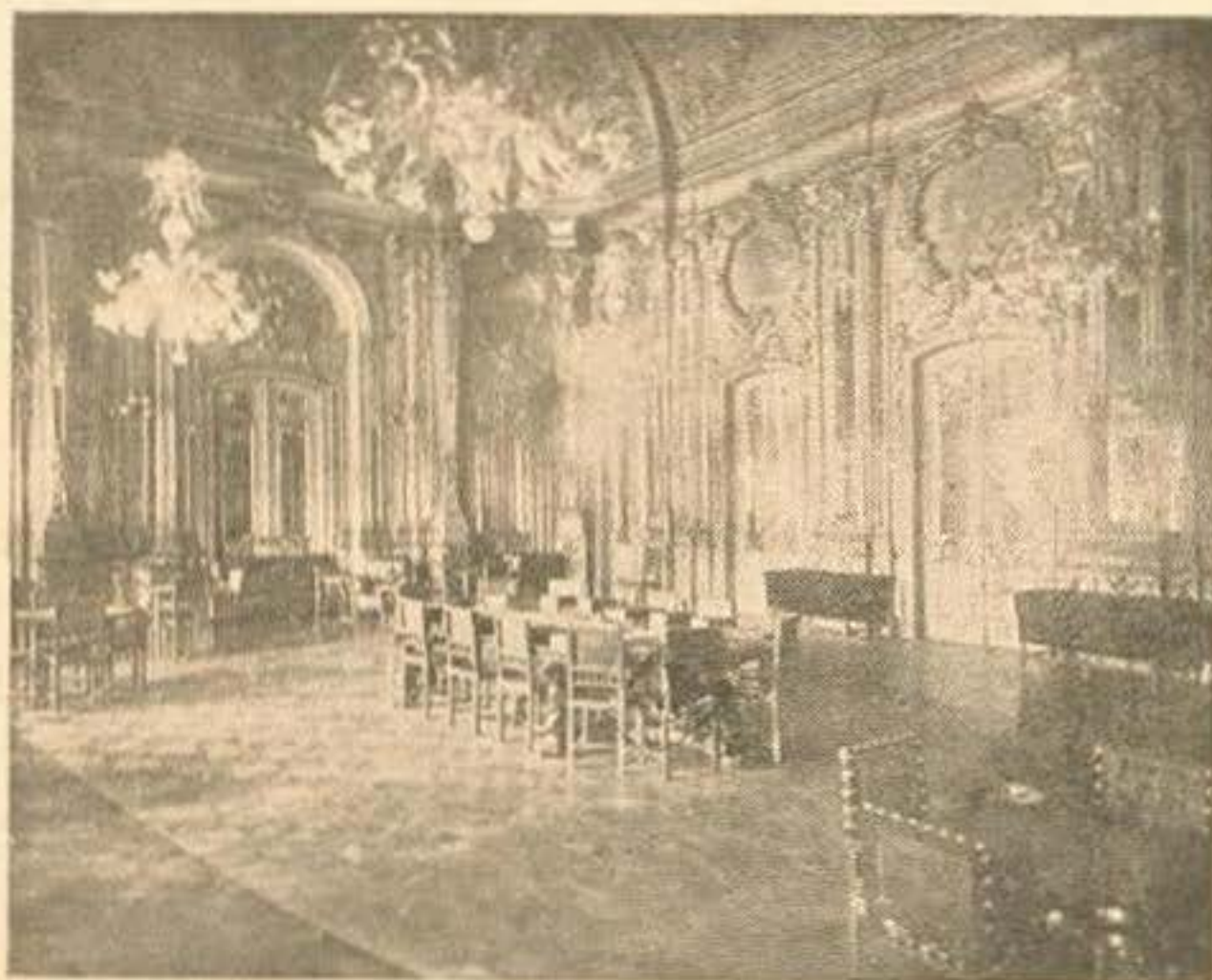
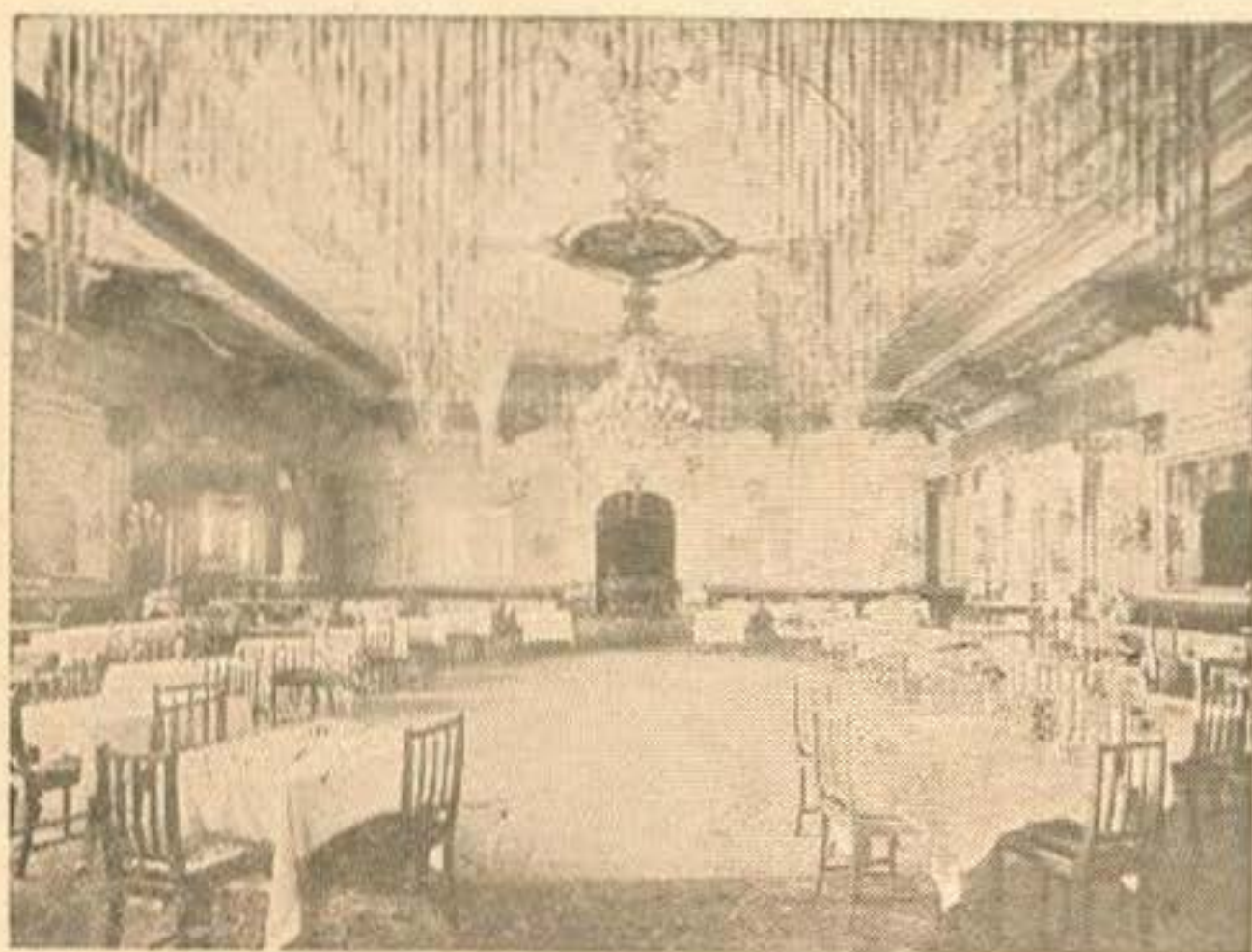
FACHADA

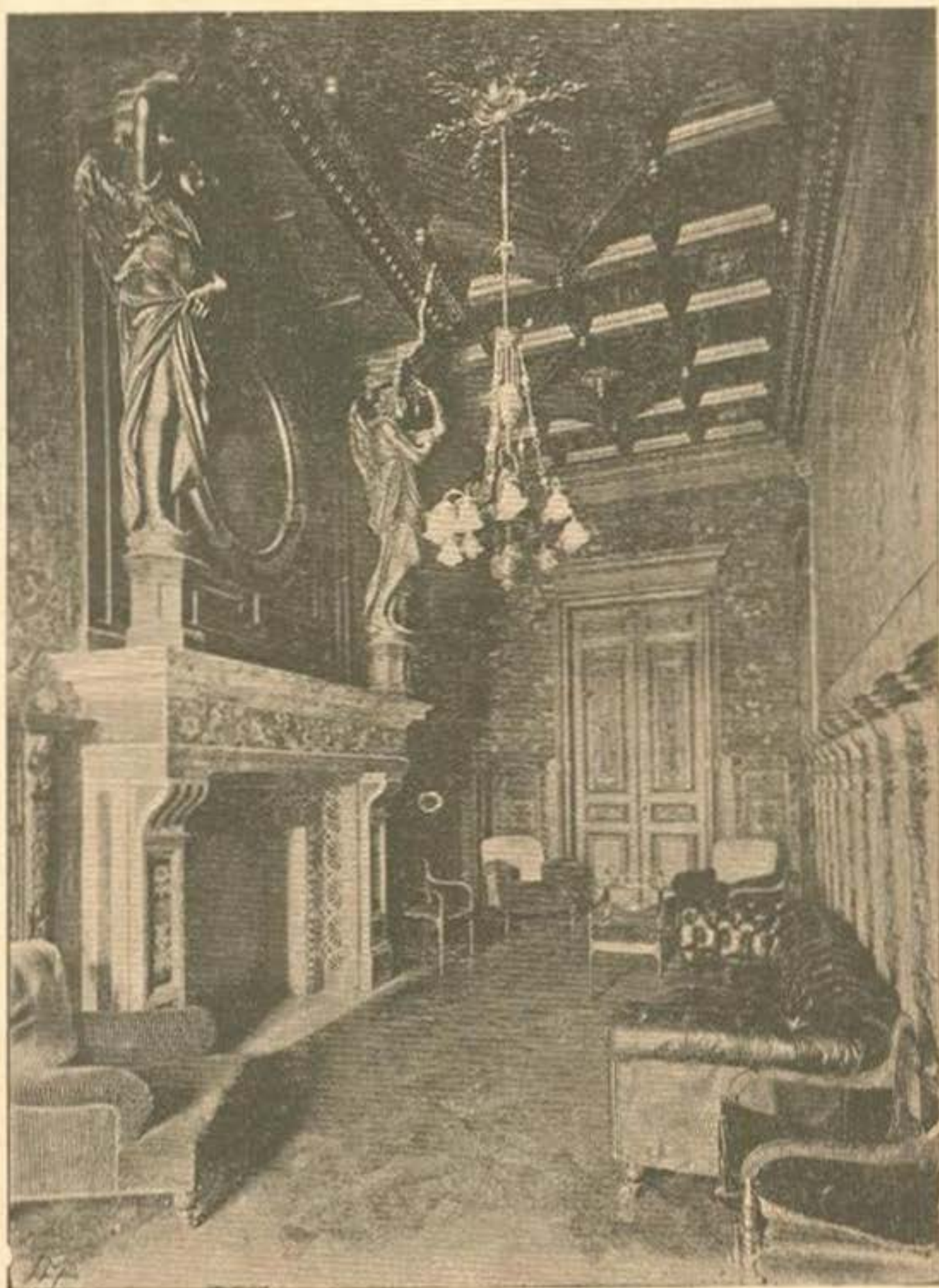
"MAXIM'S"

LISBOA PORTUGAL

MAGNIFICOS SALÕES
DESLUMBRANTES GALERIAS E ESCADARIA
MONUMENTAL

ESCADA NOBRE

"MAXIM'S"

LISBOA PORTUGAL

O CLUB MAIS ELEGANTE
SOBERBA ARQUITECTURA

"FUMOIR"

Excerptos do Poema Lyrico

ETHEREA

em 1 prologo 3 actos
e 9 quadros

para quando houver

OPERA PORTUGUÊSA

POR

AUGUSTO DE
SANTA-RITA

1922

Dramatis Personæ

FIGURAS REAIS

GABRIEL
LEONOR
D. FUAS — pai de Leonor
D. PACCO
ANGELINA — velha ama de Gabriel

HONORIO — velho creado de D. Fuas
MADRE VIOLANTE
SOROR MARIA
CORPO CORAL DE FREIRAS — 30 figuras

FIGURAS IRREAIS

O ANJO DA GUARDA DO AUCTOR
O ANJO DA GUARDA DE GABRIEL
O ANJO DA GUARDA DE LEONOR
OUTRO ANJO
O CORPO ASTRAL DE GABRIEL
O CORPO ASTRAL DE LEONOR
O CORPO ASTRAL DE D. PACCO
TISIPHONE, MEGERA E ALECTO — Furias da Ambição.
A BRUXA MAGA

A CHYMERA D'OIRO
A CORTE CELESTIAL — Anjos — 30 figuras —
A CORTE INFERNAL — Pandemonio — 30 fig. —
CORPO CORAL DE BRUXAS — 12 figuras —
CORPO CORAL DE CHYMERAS — 6 figuras ;
CORPO CORAL DE FEITICEIRAS — 12 figuras
MESSALINAS DO DIABO — 12 figuras —
CORPO CORAL DE RECEIOS — 6 figuras
CORPO CORAL DE PAVORES — 7 figuras

Prologo

AO subir o 1.º panno, entre o espaço que medeia o 1.º do 2.º, este de um azul translucido (azul ferrete) (azul electrico), e uns momentos depois de se ouvir o Côro Celestial, *um Anjo surge, descido do Céu, com grandes azas brancas e uma espada luminosa na mão direita, á luz intensa de um fóco azul-violeta e lilaz, incidindo á face de todo o proscenio.*

Côro Celestial

I

Virgem Maria,
Mãe de Jesus...
Divina Luz,
Eterno Dia!

II

Mystico Encanto,
Graça bemdita,
Alma infinita,
'Spirito Santo!

III

Claro explendor,
Hossana aos Ceus;
Hossana a Deus,
Nosso Senhor!

Um grande relampago illumina a scena surgindo então

O ANJO DA GUARDA DO AUCTOR

que, em recitativo, declama ao som da musica lenta e andante em surdina: —

Salvé, mortáes! Baixei dos céus, n'este momento,
Para vos vir fallar do Alem, da Eternidade;
Sou o Anjo da Guarda, o Guia, Amparo, o Alento
De um Poeta que tem cem mil annos de edade!

Que morre de hora a hora e nasce a cada instante,
Que os Céus, a Terra, o Mar e as coisas decorou
Na Memoria do Instincto; eterno caminhante,
Em cujo alforje, ideal, tudo o que viu guardou!

Sou o Anjo da Guarda, a sombra que se esbate
Em penumbra, se esconde, e apenas se pressente
Quando, pela noitinha, a luz de uma côr mate,
É a Voz que segreda á Alma de toda a gente.

Sou essa luz que falla, em silencio, rezando,
Murmurando, dolente, uma nova linguagem
Que alguns não sabem ler, mas que outros soletrando
Começam a estender nos bafejos da aragem.

Sou essa luz que falla e que um Poeta ouviu,
E, ouvindo-a, a entendeu; sou essa Voz divina
Que embala o Mar, á noite; e á tarde, em cada rio
Se ouve rezar, orando uma prece em surdina.

A luz que, ao pôr do sol encara as gelosias,
Bate em cada vidraça e acena adeus ás almas;
Sou a luz que, ao soar na ermida Ávé-Marias,
Faz joelhar os jardins ao baloiçar das palmas.

Sou a luz da manhã quando os lyrios, no valle,
E as camelias, no parque, acordam do seu somno;
Que, ao sorrir para os céus, ergue a seu avental
No gesto que saúda a Primavera e o Outôno.

E a luz azul violeta, á lua, pelos astros,
Beijando a solidão na quieta paz das lousas;
Que extasia de espanto as torres e alabastros,
Fazendo palpitar o coração das cousas.

Sou essa luz, a luz que já não é só luz,
A luz que Deus filtrou n'um filtro d'oiro: — a Hora;
Luz-essencia, luz-fé, luz-Alma de Jesus,
Que de tanto chispar se fez clarão de Aurora!

A luz que não alcança a retina do astrologo
E que só a visão do Poeta, attinge e vê...
Corporisada aqui, na forma d'este prologo,
Para vos vir dizer o que este Poêma é.

Ha depois d'esta Vida outra Existencia,
Que é outra realidade mais real:
Em tudo quanto existe ha uma essencia
Divina, eterna e sobrenatural.

É pois vossa existencia e esse outro Mundo,
Que ides ver prepassar com pasmo e assombro,
Pisando o mesmo lodaçal immundo,
De braço dado ou antes de hombro a hombro.

Nada mais achareis que um simples drama
De um grande Amor, de uma ideal paixão;
Mas esse pouco é Tudo, pois quem ama
Traz as chaves do Céu na propria mão!

. . . .

Ficai attentos!... Preparai as almas
Para a Divina communhão da vista!
Se entenderdes, no fim, c'roai com palmas,
Não o Auctor, mas Deus: — o Unico Artista!

Excerpto do Quadro I.º do I.º acto

O BRUXEDO

SCENARIO: — *Humilde quarto de um Poeta n'uma mansarda. Uma janella á D. sobre uma cidade de aspecto féerico, entre myriades de luzinhas. O luar entra pela janella, deixando o aposento n'uma semi-obscuridade. Uma grande gaze azulada, confundindo se com o fundo escuro, divide a scêna, para lá da qual decorre a acção do* Mundo do Invisivel.

Ao subir o panno GABRIEL *dorme junto á mesa de pinho em que se amontoaram papeis.* ANGELINA, *reza aos pés de um crucifixo a D. lado primeiro plano.*

Ao fundo a CORTE CELESTIAL, *(30 figuras), entôa em côro.* O ANJO DE GABRIEL *domina a scena no* Mundo do Invisivel.

Scêna quinta

ANGELINA *(a Gabriel e afagando-o)*

Distraia-se, menino!...

Apontando para lá da janela:

Olhe, que céu tão lindo!...
Olhe, a lua a encher da sua luz o espaço!
E as estrellinhas d'oiro, alem, tremeluzindo;
Parece que Deus dá ao Mundo um grande abraço!

(Pausa de enlevo)

Olhe, as casas... as telhas... as janellas
Illuminadas; lampeões, luzinhas...
Como se acaso a luz das estrellinhas,
Houvesse dado á luz outras estrellas!

Olhe a Noite, vestida de setim,
Ao luar!
E com elle
A noivar
N'uma lua de mel!
Olhe, os montes além... olhe, um moinho;
E um barquinho,
Um batel;
Lá longe, no mar sem fim!

Distraia-se, menino Gabriel,
Não quero vêl-o assim.

GABRIEL

Minha ama, minha aia,
Minha amiga,
Se queres que me distraia
Conta-me então uma historia
Ou canta-me uma cantiga,
Como em meus tempos de infancia,
Em que eu não tinha ainda a ancia
De alcançar o Amor e a Gloria,
A Ventura!
Adormece a minha magua;
Oh, dá-me uma gotta d'agua
Com que eu mate esta seccura!

Conta-me os contos de fadas,
Que me contavas então,
De princezas encantadas
Por varinhas de condão.

Que eu adormeça outra vez
Em teu collo embalador,
Adormecendo, aos teus pés,
A magua da minha dôr!

ANGELINA

Oiça então...
Qual ha-de ser?!
Veja lá se se recorda
D'alguma que eu lhe contasse..

GABRIEL

Não importa; uma qualquer!..

ANGELINA

Já sei; a do Lovelace...
Ou quere a da Bruxa-Gorda,
Que apparece, de surpresa,
No quarto de uma princeza
Que ao depois se faz rainha?!
A da Bruxa
Que extrebuxa
Emquanto a Princeza reza?!

GABRIEL

Sim; conta-me essa da bruxa
No quarto da Princezinha.

ANGELINA

Oiça pois..
Era uma vez
Uma Princeza que tinha
Um coração portuguez
E uma alma de adivinha.

N'isto um Principe, que passa...
Ao ver a linda Princeza,
Em frente de tanta graça
Ficou mudo de surpresa.

Vai ella... diz-lhe: — bom dia!
Vai elle... não respondeu,
Porque fallar não podia,
Porque ao vêl-a emmudeceu.

então, puxa da espada
E escreve no chão após:
«Senhora, não digo nada
Que por vós perdi a voz!»

Em seu palacio, em seu leito,
Já scismava a Princezinha
Que com noivo, tão perfeito,
Se tornaria Rainha.

Seu coração, de sentir
E tanto pulsar, já farto,
Deixa a Princeza a dormir,
E entram-lhe as bruxas no quarto.

Envoltas em capindós,
Montando em paus de vassoura,
As caras com pó de arroz,
Narizes côr de cenoura..

E Angelina suspende a narrativa, reparando em Gabriel que adormecera

Mas... não querem lá vêr! .. Agora é que eu reparo,
Adormeceu tambem; deixal-o pois dormir;
Destapado é que não!

Cobrindo-o com uma manta:

Que a Senhora do Amparo
O ampare lá no Céu!
Retirando-se: E agora posso-me ir...

Scêna sexta

BELZEBUTH *(Surgindo ao fundo, abeirado de Gabriel)*

Dormes?!... Dorme! Sonha! Queres
Casar com D. Leonor?
Só se a tu'alma me deres,
Prottegerei teu amor!
Dar-te-hei tresentas mulheres,
Tudo quanto ha de melhor.

Mas teimas em não m'a dar?!
Pois não has-de casar, não!
Porque eu já, em teu logar,
Tenho D. Fuas na mão;
E sei bem a tentação
Com que eu o hei-de tentar.

(Chamando a meia voz para a D. fundo)

Bruxa Maga!...
Bruxa Maga!...
Bruxa Maga!..

BRUXA MAGA *(Espreitando da grande toca, especie de tunel, aberta ao fundo)*

Quem me chama?!
Ou é praga?!
Quem é lá?!...

BELZEBUTH

Belzebuth!

BRUXA MAGA *(Surgindo em scena, seguida pelo bando das doze bruxas)*

Belzebuth?!
Ah, és tu?!...
Lá vou já!
Já, já, já!...

O CORO DAS BRUXAS *(Comboiando a bruxa Maga)*

Já, já, já...
Já, já, já...
Já, já, já...
Já, já, já...
Já, já, já...

A BRUXA MAGA *(Saltitando em volta de Gabriel)*

Elle dorme,
Ella foi-se ..
Ficou só!
Só, só, só!...

O CORO DAS BRUXAS

Só, só, só...
Só, só, só...
Só, só, só...
Só, só, só...
Só, só, só...

BRUXA MAGA *(farejando-o e saltitante)*

Cheira a ella,
Ella esteve
Cá ao pé;
Pé, pé, pé!

O CORO DAS BRUXAS

Pé, pé, pé...
Pé, pé, pé...
Pé, pé, pé...
Pé, pé, pé...
Pé, pé, pé...

A BRUXA MAGA

Mas cautella,
Talvez ella,
Venha ahi;
i .. i... i...

O CORO DAS BRUXAS

i... i... i...
i... i... i...
i... i... i...
i... i... i...
i... i... i...

(Gabriel espreguiça-se, somnolentamente)

BRUXA MAGA *(Voltando novamente para o buraco)*

Acordou!
Já me vou;
Belzebuth!
Bu, bu, bu!...

O CORO DAS BRUXAS *(Comboiando a bruxa Maga)*

Bu, bu, bu,
Bu, bu, bu,
Bu, bu, bu,
Bu, bu, bu,
Bu, bu, bu!...

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Excerpto do Quado II.º

do II.º acto

A VOZ DO SILENCIO

SCENARIO: — *Opulenta sala escriptorio. Poltronas de espaldas d'oiro e estojos vermelhos. Panneaux na parede á E e porta envidraçada com vitraes, em ogiva, deitando sobre um terraço á D. lado, recanto fundo. A mesma gaze, ao fundo, divide a scena, para lá da qual decorre a acção do Mundo do Invisivel,*
Ao subir o panno o corpo coral das chymeras rodeando, n'um rythmo de dança, a CHYMERA D'OIRO, *entoa um cantico, embalando o somno de Leonor; adormecida, n'uma ampla poltrona voltada para o terraço. A' E. D. Fuas, debruçado sobre uma secretaria de estylo antigo, junto de um cofre forte, aberto, com saccos de dinheiro.*

Scêna primeira

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

O CORPO ASTRAL DE GABRIEL (*Nos braços do seu Anjo da Guarda, Mundo do Invisivel, debruçado sobre a humana presença de Leonor*)

Leonor, Leonor, minha ambrozia.
Meu suspiro de Deus, minha Saudade,
Flor do meu Sonho, em jarra d'oiro esguia,
Ó minha Ante-Manhã de Eternidade!

Ninho onde foi poisar o claro dia,
Para tornar eterna a claridade;
Peneirinha da Luz, roca onde fia
Seu linho de pureza a Castidade!

Minha dadiva astral, penhor dos Céus,
Sello da Vida Eterna, em sobrescripto
De carta que á minh'alma enviou Deus!

Gostar do meu gostar, dizer não dito;
Meu olhar do olhar dos olhos meus,
Meu despertar á luz do Infinito!

. . . .
. . . .
. . . .

Excerpto do Quadro III.º

do II.º acto

NO INFERNO

SCENARIO:—A' E. fundo, em face lateral, o throno de Belzebuth. Sentados no proprio espaldar do throno, forrado a negro, TISIPHONE, MEGERA *e* ALECTO. *Por detraz d'elle uma enorme concha, de metal faiscante, sobre a qual é poisada uma grande coruja com dois focos de luz verde nos olhos. Os chifres de Belzebuth, teem o dobro do tamanho dos chifres dos outros demonios subalternos. Aos pés do Rei do Inferno, sobre coxins, as messalinas do Diabo, de cabelleiras verdes — 13 figuras — com grandes ventarolas illuminadas por cores faiscantes, abanando-se. Mais abaixo, em plano inferior, e em duas filas, as bruxas sobre páus de vassora, e as feiticeiras em grupos lateraes. Corpos sem pelle e estripados pendurados no tecto. Ao F., em linha, grandes caldeirões de cobre, de cujo fundo parte um coro d'ais afflictivos e denso fumo entre labaredas. O fogueiro das almas, um diabo com o aspecto dos outros, mas vestido de cozinheiro, remexe com uma grande forquilha, em forma de garfo, os caldeirões. Ao meio da scena,* D. PACCO, *nu e algemado de pés e mãos. Os restantes diabos em semi-circulo em face de Belzebuth. Fundo negro, raiado de vermelho, verde e amarello, vivos.*

Scêna segunda

....

BELZEBUTH (*Sentado em seu throno*)

Nos conventos,
Sacros, bentos,
Que ha aos centos
Em Thomar,
Uns momentos
Antes de rezarem missas,
Ha noviças
A tentar!

O PANDEMONIO (*Em côro*)

Vamos lá,
Já já, já!...

O CORO DA BRUXAS

Já, já, já...

BELZEBUTH

Nos egregios,
Maus collegios,
D'antes regios;
Já com sinos
Sem tocar,
E de ensinos
Sacrilegios,
Ha meninas e meninos
A tentar!

O PANDEMONIO (*Em coro*)

Vamos lá,
Já, já, já!

O CORO DAS BRUXAS

Já, já, já,
Já, já, já!...

BELZEBUTH

Nos tranquillos
Bons asylos,
Com santinhos
Nos mosaicos
A rezar,
Em estylos
Muito archaicos,
Ha velhinhas e velhinhos
A tentar!

O PANDEMONIO (*Em côro*)

Vamos lá,
Já, já, já!...

O CORO DAS BRUXAS

Já, já, já,
Já, já, já,
Já, já, já!...

BELZEBUTH

Nos navios
Que dos rios,
Ribeirinhos,
Se metteram, sem embargo,
Ao mar largo,
Alto mar,
Deve haver,
Quero crer,
Marujinhos
A tentar!

O PANDEMONIO (*Em coro*)

Vamos lá,
Já, já, já!...

O CORO DAS BRUXAS

Já, já, já,
Já, já, já,
Já, já, já,
Já, já, já!...

BELZEBUTH

Pelos campos,
Onde, lampos,
Ao brilho dos pyrilampos,
E luar,
Eh! demonios...
Entre harmonios,
A dançar,
Ha camponias e camponios
A tentar!

O PANDEMONIO (*Em coro*)

Vamos lá,
Já, já, já!...

O CORO DAS BRUXAS

Já, já, já,
Já, já, já,
Já, já, já,
Já, já, já,
Já, já, já!...

BELZEBUTH, PANDEMONIO e BRUXAS
(*Em coro*)

Já, já, já,
Já, já, já,
Já, já, já,
Já, já, já,
Já, já, já!...

CONTEMPORANEA

REVISTA MENSAL

Director: JOSÉ PACHECO

Redactor-principal: OLIVEIRA MOUTA

Editor: AGOSTINHO FERNANDES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Nova do Almada, 53, 2.°

TELEFONE C. 1415

N.° 4

VOL. II – ANO I

SUMARIO

Em SEPARATA